CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COMO PENSAR O RACISMO ATRAVÉS DOS CONCEITOS DE EXISTENCIALISMO E LIBERDADE EM SARTRE: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Elaine Corrêa Gouvêa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título/certificado em Mestre em Filosofia e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Mello Barbosa
Coorientador: Prof. Dr. Roberto Cesar Zarco Câmara

Rio de Janeiro
Outubro 2020

COMO PENSAR O RACISMO ATRAVÉS DOS CONCEITOS DE EXISTENCIALISMO E LIBERDADE EM SARTRE: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título/certificado em Mestre em Filosofia e Ensino.

Elaine Corrêa Gouvêa

Banca Examinadora:

RAFAEL MELLO BARBOSA:07954136701

Assinado de forma digital por RAFAEL MELLO BARBOSA:07954136701
Dados: 2021.03.01 10:15:41 -03'00'

Presidente, Professor Dr. Rafael Mello Barbosa (CEFET/RJ) (orientador)

Professor Dr. Roberto Cesar Zarco Câmara (CEFET/RJ) (coorientador)

Professora Dra. Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ)

Professora Dra. Dirce Eleonora Nigro Solis (UERJ)

SUPLENTES

Professor Dr. Francisco José de Moraes Dias (UFRRJ)

Rio de Janeiro
Outubro 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

G719 Gouvêa, Elaine Corrêa
Como pensar o racismo através dos conceitos de existencialismo e liberdade em sartre: um olhar para a educação brasileira / Elaine Corrêa Gouvêa — 2020.
59f. + anexo : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2020.
Bibliografia : f. 58-59
Orientador: Rafael Mello Barbosa
Coorientadora: Roberto Cesar Zarco Câmara

1. Racismo. 2. Existencialismo. 3.Filosofia. 4. Educação. 5. Sartre, Jean-Paul,1905-1980. I. Barbosa, Rafael Mello (Orient.). II. Câmara, Roberto Cesar Zarco (Coorient.). III. Título.

CDD 305.8

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

EPÍGRAFE

“Se queremos quebrar essa finidade que nos aprisiona, não mais podemos confiar nos privilégios de nossa raça, cor e técnicas: só poderemos unir-nos a esta totalidade de onde nos exilam esses olhos negros, arrancando nossas malhas brancas para tentarmos ser simplesmente homens”. (SARTRE, 1960, pág.108)

RESUMO

Como pensar o racismo através dos conceitos de existencialismo e liberdade em Sartre: um olhar para a educação brasileira.

Este projeto tem como objetivo pensar o racismo através dos conceitos de existencialismo e liberdade do filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Sartre combateu o racismo antinegro e as injustiças sociais de modo geral. No Brasil, o preconceito racial ainda é muito forte, passados 130 anos da abolição dos escravos (1888). A nossa meta é mostrar que, através das ideias do existencialismo e liberdade em Sartre, podemos refletir filosoficamente sobre o racismo e seus impactos negativos na vida das pessoas negras. Como Sartre foi um autor que escreveu romances e novelas, aproveitamos esse viés para trabalhar a produção de uma novela filosófica junto com os alunos do Ensino Médio. O objetivo será a criação de uma história, em que o tema seja o racismo, tendo como base o existencialismo e a liberdade em Sartre, previamente debatidos em sala de aula. A intenção é promover a produção literária de forma que agregue valor na formação sociocultural dos estudantes, promovendo o pensamento crítico e refletindo práticas filosóficas antirracistas. Esse projeto visa auxiliar a implementação da Lei 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura-Afro-Brasileira e Africana em todas as modalidades de ensino e níveis de educação.

Palavras-chave: Racismo; Existencialismo; Liberdade; Filosofia; Educação.

ABSTRACT

How to think racism through the concepts of existentialism and freedom in Sartre: a glance at brazilian education.

This project aims at thinking about racism through the concepts of existentialism and freedom of the French philosopher Jean-Paul Sartre (1905-1980). Sartre fought anti-black racism and social injustices in general. In Brazil, racial prejudice is still too present even 130 years after the slavery abolition (1888). Our goal is to show that, through the ideas of existentialism and freedom in Sartre, we can reflect philosophically on racism and its negative impacts on the lives of black people. As Sartre was an author who used to write novels, we took advantage of this bias to work on the production of a philosophical novel with high school students. The objective will be the creation of a story, in which the theme is racism, based on the existentialism and freedom in Sartre, previously discussed in classes. The intention is to promote literary production in a way that it adds value to students' sociocultural formation, promoting critical thinking and reflecting anti-racist philosophical practices. This project aims at assisting the implementation of Law 10.639/03, which established the obligation of Afro-Brazilian and African History and Culture in all teaching modalities and levels of education.

Keywords: Racism; Existentialism; Freedom; Philosophy; Education.

SUMÁRIO

Introdução		1
1	**Conceitos de existencialismo e liberdade em Sartre**	8
1.1	O existencialismo	8
1.2	A liberdade	13
2	**Pensando o racismo segundo os conceitos de existencialismo e liberdade**	18
2.1	Racismo e existencialismo	19
2.2	Racismo e liberdade	24
3	**Literatura, filosofia e racismo**	29
3.1	A literatura para Sartre	30
3.2	A filosofia para Sartre	32
3.3	Sartre e o racismo	37
4	**Método de construção: o passo a passo da novela filosófica**	42
4.1	As novelas filosóficas	42
4.2	Como montar uma novela filosófica?	45
4.3	Colocando em prática	48
4.4	Conclusão	54
Considerações Finais		56
Referências		58
Apêndices		60

Introdução

A ideia desse projeto surgiu quando decidi ingressar no mestrado em Filosofia e Ensino no CEFET/RJ e precisava ter um pré-projeto para apresentar para a Instituição. Formada em Jornalismo, meu primeiro contato com a Filosofia surgiu durante a graduação. Esse foi o momento em que me libertei da "caverna"[1] e pude olhar o que realmente existia fora dela. A pós-graduação em Filosofia foi feita logo em seguida, aumentando ainda mais a minha paixão.

Filha de professora, meu desejo era seguir os passos dela, mas, aos 17 anos, ela disse não ao meu sonho profissional e tudo se complicou. Precisei buscar outras alternativas profissionais até me reencontrar com o sonho: estar em sala de aula. O maior desafio foi recomeçar do zero em uma profissão totalmente diferente do que eu estava habituada. A quebra de paradigmas foi algo muito arriscado e complexo. Me aventurei nessa jornada pedagógica ao me oferecer como estagiária nas turmas de Filosofia na escola onde minha filha estudava.

O mestrado era parte dessa minha meta profissional e me inscrevi no curso sem ter ideia sobre o que eu escreveria. Dentro da bibliografia do processo seletivo, estava o livro *O ensino da Filosofia e a Lei 10.639* (NOGUERA, 2014). Logo no começo da obra, o autor destaca a falta de materiais que auxiliem os professores na implementação da Lei 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as modalidades de ensino e níveis de educação no Brasil. Dessa forma, vi ali a oportunidade de escrever algo que me pareceu muito relevante e necessário.

Achar um filósofo para fundamentar minhas ideias foi o grande desafio inicial. Faltava um elo, mas as ideias de existencialismo e liberdade, do filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), encaixaram-se com o racismo. A primeira obra lida foi *Reflexões sobre o Racismo* (SARTRE,1960). Nela Sartre aborda o antissemitismo e o racismo antinegro. Até chegarmos a essa dissertação, foi uma longa jornada, um emaranhado de ideias e convicções que eu precisava entender, pesquisar, criticar e analisar.

Começamos olhando para o contexto histórico do Brasil, que foi colonizado e teve a sua formação populacional miscigenada. A constituição da nossa sociedade e cultura foram fundadas sobre o tripé étnico: índios, negros e europeus. Mas como ser preconceituoso com aqueles que fazem parte da nossa formação histórica e sociocultural? Daí a importância de analisarmos, mesmo que sem tanta profundidade histórica, o processo de colonização do território brasileiro e a chegada dos povos colonizados, dentre eles os africanos, que foram trazidos à força para trabalhar como escravizados nas lavouras, minas e nas casas dos

[1] Referenciando o Mito da Caverna (Platão).

senhores de engenho. Estes foram arrancados de seu território, de sua terra, de suas famílias, de sua cultura e de suas raízes, como objetos. Esse processo de objetificação, desumanização e destruição do homem negro africano é determinante para tentarmos compreender o preconceito racial antinegro no Brasil, que começou na colonização e perdura até os dias atuais.

Segundo Noguera, a objetificação e a zoomorfização foram elementos cruciais no processo de colonização europeia por todo o mundo:

> Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus (...). E sem dúvida os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embasar a escravização negra. Para os europeus os negros eram bárbaros, incivilizados (...).[2]

O negro africano precisou se reinventar numa terra que não era a sua, com um povo que não era o seu. Sem família, sem casa, sem dinheiro e sem direito a ser humano, os negros recomeçaram uma nova vida, tendo que se adaptar às condições determinadas pelos colonizadores europeus.

Ao chegar ao Brasil, os europeus iniciaram o processo de escravização indígena. Como eram muitas tribos, algumas se aproximaram dos portugueses, porém diversas outras lutaram e a maioria fugiu para o interior do Brasil. Não houve uma resistência maciça e unificada, muito menos uma parceria generalizada entre índios e europeus. Já os africanos, chegavam fracos, muitos morriam pelo caminho, na travessia do Atlântico, tornando a resistência menor. Retirados de sua terra, os negros africanos sofreram um processo de aculturação[3], desumanizando e fazendo com que suas raízes fossem arrancadas contra sua vontade. Ainda de acordo com Noguera, o racismo antinegro é epistêmico, pois “remete a um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referenciais filosóficos, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais” (NOGUERA, 2014, pág. 27).

O processo de colonização do negro africano foi desumano, degradante e violento. Sartre destaca as consequências desastrosas desse processo no qual as perdas foram irreparáveis e podem ser notadas até hoje. A dignidade dos povos africanos se perdeu juntamente com suas culturas, suas famílias e suas origens.

---

[2] NOGUERA, Renato. O ensino da filosofia e a lei 10.639/03. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014, pág. 25.

[3] Fenômeno pelo qual um indivíduo ou um grupo humano de uma cultura definida entra em contato permanente com uma cultura diferente e se adapta a ela ou dela retira elementos culturais. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/acultura%c3%a7%c3%a3o. Acesso em 12 Ago. 2019.

> Foi durante os séculos da escravidão que o negro esvaziou o cálice da amargura até a bôrra; e a escravidão é um fato passado que os nossos autores ou seus pais não conheceram diretamente. Mas é também um imenso pesadelo do qual os mais jovens dentre eles não sabem se já despertaram de todo. De um extremo a outro da terra, os negros, separados pelas línguas, pela política e pela história de seus colonizadores, tem em comum uma memória coletiva". (SARTRE, pág.140)

É esse processo de objetificação, desumanização e destruição do homem negro africano que buscamos compreender para analisar o preconceito racial antinegro no Brasil, presente desde a colonização e que perdura até os dias atuais.

A cultura brasileira foi formada como um mosaico, tendo um misto de várias culturas: africanas, indígenas e europeias. Digo várias, pois dentro de cada etnia existem vários povos e culturas distintas. Por mais que os negros fossem um dos responsáveis pela formação cultural e social, que temos hoje no Brasil, essa importância foi relegada por anos dentro das nossas escolas e universidades. Os brasileiros são fruto dessa mistura, mas há um olhar eurocêntrico nas instituições, priorizando o ensino da cultura europeia em detrimento da cultura africana. Então, em 2003, foi sancionada a Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e de seus descendentes aqui no Brasil.

De acordo com Noguera, uma pesquisa feita na Universidades de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), até 2014, verificou que são raras as produções acadêmicas sobre as relações étnico-raciais e seus desdobramentos, principalmente no campo da Filosofia. Ele encontrou somente dois trabalhos na UFRJ, sendo uma monografia de graduação (2012) e uma dissertação (2014), ambas sobre filosofia africana (NOGUERA, 2014, pág. 14-15).

Com base nas informações acima, analisamos o racismo antinegro fundamentados no filósofo francês, Jean-Paul Sartre, buscando elementos para repensarmos o racismo no Brasil, tendo como alicerces as ideias de existencialismo e liberdade, produzindo em conjunto, como nosso material didático, uma novela filosófica focada nos temas desta dissertação.

Sartre foi um intelectual que lutava contra os preconceitos e pregava as ideias existencialistas, que tinham como fundamento a humanização do homem, destacando que ele não era, necessariamente, um militante no combate ao racismo.

Então por que Sartre? A escolha foi baseada no humanismo sartreano, que se opõe à desumanização promovida pelo racismo. O existencialismo que Sartre acreditava, trabalhava sobre a máxima "A existência precede a essência". Sendo assim, o homem primeiro nasce, existindo no mundo, para depois compor a sua essência durante a vida.

Essa liberdade, na qual Sartre se fundamenta, é a liberdade como condição humana, o que a diferencia da liberdade que costumamos falar. Essa liberdade existencialista é condição *sine qua non* para a vida humana; não havendo escolha para ser ou não ser livre.

Daí podemos extrair outra de suas frases mais célebres: “O homem está condenado a ser livre”. A ligação entre o pensamento de Sartre, que vamos demonstrar aqui, está no humanismo existencialista que valoriza o homem, enquanto o racismo desumaniza, animaliza e objetifica as pessoas negras.

Num primeiro momento, apresentaremos as ideias de existencialismo e liberdade, segundo Sartre. Partiremos do existencialismo, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, diante de uma grande crise financeira, política, ética, entre outros muitos problemas causados pelos conflitos. Essa doutrina filosófica emerge como um “grito” contra a moralidade tradicionalmente imposta, assim como valoriza o ser humano de forma singular. Mesmo tendo sido elaborada por vários outros filósofos, Sartre deixou sua marca quando se fala em existencialismo no século XX.

Para Sartre, que era adepto do existencialismo ateu, onde não haveria um Deus criador e, logo uma vida pré-concebida e determinada. Segundo ele, a existência precede a essência, pois o homem primeiro surge no mundo para depois ser quem é.

> Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir do elã de existir, o homem é nada além do que ele se faz. Esse é o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 2014, pág. 25)

Sartre acreditava que o existencialismo ateu era mais coerente, pois na criação de um objeto, existe um artífice responsável pela criação da peça. Já com os seres humanos, uma vez que Deus não existe, não teremos um artífice superior para tal feito. O homem nasce, existindo no mundo, e depois determina a sua essência.

Nesse caso, segundo BOZIO (2016), há uma negação da natureza humana e uma abertura para uma realidade humana. Para ele o existencialismo de Sartre possibilita ver as criações de forma universal, em que cada homem é livre para escolher o mundo que quer viver, quebrando certos conceitos impostos pela religião e pela ciência. O ser humano é o seu próprio criador e criador do mundo. Para Sartre, uma vez que Deus não existe e não vai determinar o seu destino, o ser humano está livre para fazer suas escolhas e construir a sua realidade.

Sendo essa liberdade uma condição da qual não podemos fugir, também não poderemos nos negar a responder por nossas ações e consequências. Quando fazemos escolhas e agimos, impactamos direta ou indiretamente a vida de outras pessoas. Dentro desse contexto, o filósofo acredita que o homem está condenado a ser livre, pois ele não tem uma alternativa que não seja a liberdade para agir, visto que “não somos livres para deixar de ser livres” (SARTRE, 2015, pág. 543). Sendo assim, notamos que não existem limites para a liberdade humana e que essa liberdade pode trazer angústia, porque nossas escolhas

implicarão não somente no nosso destino como no destino de toda a humanidade.

Mas o que o racismo tem a ver com isso? De que forma as ideias de existencialismo e liberdade podem interferir ou fazer uma ligação com o racismo?

No capítulo 2, propusemo-nos a repensar o racismo com base no existencialismo e liberdade, destacando a humanização do homem. Sendo o racismo uma construção social, podemos analisá-lo e buscar formas alternativas de combater o preconceito racial antinegro.

Como vimos nesta introdução, o racismo faz parte da formação social e cultural do Brasil. Existiu um processo de colonização que deixou raízes muito profundas em nossa sociedade: o racismo estrutural. Este racismo estrutural está tão enraizado que, segundo o filósofo Silvio Almeida[4], faz com que o preconceito racial seja naturalizado socialmente. Ele acrescenta que o racismo é uma forma de racionalidade, de normalização e compreensão das relações, que constitui o inconsciente como funcionamento normal da vida cotidiana.

Ainda de acordo com Almeida, a violência contra os negros foi naturalizada e o racismo além de estrutural, é estruturante na formação do sujeito. Continua ele: “Vemos isso no momento em que a morte de jovens negros das periferias não nos impacta da forma como deveria, assim como a quantidade de negros encarcerados. Nada disso nos causa tanto espanto ou revolta. Em contrapartida, ele relata que as pessoas se assustam ao ver pessoas negras em determinados lugares.[5]

Exemplifico aqui o caso da historiadora e professora Luana Tolentino. Ela é negra e contou que foi abordada na rua por uma senhora que perguntou se ela fazia faxina: “Hoje uma senhora me parou na rua e perguntou se eu fazia faxina. Altiva e segura, respondi: não, faço mestrado. Sou professora. Da boca dela não ouvi mais nenhuma palavra. Acho que a incredulidade e o constrangimento impediram que ela dissesse qualquer coisa”.[6]

A sociedade brasileira imputa uma carga sobre aqueles que nascem com a pele negra e, dessa forma, os negros dentro de uma sociedade racista, não têm liberdade[7]. Ser negro é “estar marcado”; não se pode esconder que é negro. Sartre destaca essa questão de forma bastante objetiva no trecho citado abaixo:

> Ora, no caso (do negro)[8] não há escapatória, nem subterfúgios, nem “passagem de linha” a que possa recorrer; um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade

[4] O filósofo do direito e presidente do Instituto Luiz Gama Silvio Almeida, autor de "Sartre: direito e política", destrincha didaticamente o conceito de racismo estrutural neste depoimento à TV Boitempo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU. Acesso em 13 Dez. 2018.
[5] Ibid.
[6] Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/07/21/interna_gerais,885522/racismo-professora-confundida-com-faxineira-fala-ao-estado-de-minas.shtml. Acesso em 13 de Dez. 2018.
[7] Nesse caso, a palavra é usada com o sentido de ser livre, não como condição humana, mas seria o mesmo de não estar encarcerado, libertação.
[8] Inserção para explicar melhor o contexto da citação.

> incolor: ele é preto. Está, pois, encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se apanha a palavra "preto" que lhe atiram qual uma pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez. (SARTRE, 1960, pág. 111).

A liberdade[9] do negro é cerceada pelo racismo estrutural. Ao mesmo tempo que o negro é livre e está, como todo homem e condenado a sê-lo, ao mesmo tempo ele carrega um "peso" por ser *diferente*. Destaco o adjetivo, pois a medição de normalidade e de igualdade é dada socialmente pelo branco. O branco é o parâmetro, é incolor e passa despercebido, invisível aos olhos das pessoas em geral, porém o negro é chamado "de cor", mas, devido ao racismo estrutural, não passa despercebido e não é invisível; muito pelo contrário: todos os olhos se voltam para ele quando é para apontar ou recriminar.

Mas como pode ser visível e invisível ao mesmo tempo? Visível, pois está sempre sob o olhar de alguém que teme suas atitudes, sua conduta e seu caráter; mas em contrapartida ele é invisível socialmente, como se sua dor, sua existência e suas expectativas, não tivessem tanta importância para a sociedade. Como destacou Fratz Fanon[10] (1925-19610): "O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto!" (FANON, 2008, pág. 107).

Dentro desse contexto de preconceito, animalização, objetificação e invisibilidade seletiva, a luta por igualdade de direitos, políticas de ações afirmativas, como por exemplo as cotas raciais nas Universidades públicas e a implementação da Lei 10.639/03, são importantes para tentar diminuir as diferenças e promover a inclusão dos negros na sociedade de forma mais justa, se é que isso é possível na prática.

No capítulo 3, falaremos sobre a filosofia para Sartre, pois sendo ele um dos filósofos mais importantes do século XX, é importante saber o que ele pensava sobre a Filosofia, ou como ele mesmo disse, as filosofias, pois para ele não existe somente uma filosofia, mas

---

[9] No texto temos dois sentidos para a palavra liberdade: em um momento ela é empregada como condição de existência humana enquanto em outra ela é aplicada no sentido de não estar preso. Nesse caso, ela tem duplo sentido, pois a liberdade do negro, no sentido de existir, se torna cerceada pelo racismo estrutural, no qual o negro já nasce marcado negativamente para toda a sua vida, tendo a sua liberdade limitada, agora no sentido de se sentir aprisionado.

[10] **Frantz Fanon** atuou no contexto argelino como escritor revolucionário, tendo contribuído igualmente para as reflexões no campo cultural. Sua trajetória foi rica na medida em que, além de sua participação na Segunda Guerra Mundial e na luta pela independência da Argélia, posicionou-se em relação às produções culturais de seu tempo. A obra de Fanon abordou parte do pensamento anticolonial e revolucionário e sob esse aspecto, ela não foi completamente considerada pela historiografia da África contemporânea. Seus biógrafos e pesquisadores sugerem que ele operou com maior profundidade as questões de identidade e representatividade para o negro-africano. Através da interpretação de algumas críticas busca-se compreender como Fanon foi invisibilizado no que diz respeito aos movimentos de contestação ao colonialismo e, ainda, como o extremo apego às análises raciais ou étnicas engessaram interpretações variadas sobre esse autor. Ele foi escritor de características múltiplas para quem o caminho percorrido envolveu a crítica ao campo cultural (negritude) e uma militância política contundente (revolução) deixando em aberto ainda muitas chaves de leitura sobre esse pensador-ator fundamental para os estudos africanos. Disponível em http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/download/1535/1323/. Acessado em Nov. 2020.

várias[11]. Encerraremos o capítulo fazendo uma análise entre o pensamento sartreano e o racismo: em que momento eles se encontram? Sartre era uma pessoa engajada com a questão do preconceito racial antinegro? Será que ele, realmente, entendia o que era ser negro num mundo racista?

Sartre foi o autor do prefácio do livro *Os condenados da Terra* (1968), de Franz Fanon. Esse livro fala sobre o impacto da colonização na vida dos povos africanos. O autor destacou em outra obra: *Pele negra máscaras brancas* (2008), que Sartre não compreendeu a questão racial de fato. Não podemos deixar de registrar aqui que, a visão de Sartre sobre o racismo, deixou a desejar, pois ele via a questão de forma distanciada, sendo o filósofo um europeu e branco. E aqui está uma das maiores dificuldades que encontramos para falar sobre o racismo, pois também não sou negra e nunca senti o racismo na pele.

No capítulo 4, abordaremos o método de construção da novela filosófica, mostrando o passo a passo da sua construção, pois isso será importante para a aplicabilidade do material. Nesse momento, explicaremos como montar uma novela filosófica, como trabalhar o debate com os alunos e daremos dicas de como aplicar o material em sala de aula.

Destacamos a importância em debatermos o racismo para aqueles que não são negros, e aqui eu me incluo, pois a grande dificuldade está em enxergarmos o preconceito e não o cometer de forma inconsciente.

A realidade do negro é muito complexa e cruel e cabe a todos nós um olhar crítico para nossas ações e atitudes, repensando algo que foi criado pelos homens para prejudicar outros homens. Não deveria haver diferenças entre nós, mas há, infelizmente. Demorei muito para entender que eu pensava como Sartre, tendo um olhar de “branco” sobre o racismo do qual não experimentamos. A dor só é sentida por quem é afetado, sendo assim, a luta para falar de algo que não vivemos foi enorme, mas temos consciência de que precisamos falar, repensar e combater para que exista a possibilidade de revermos como estamos tratando o nosso semelhante.

Que este trabalho possa ajudar a repensar, criticar, promover debates e criar oportunidades de novas ideias para combater o preconceito racial antinegro no Brasil. Ao promover o tema com os alunos, estamos trabalhando a formação do ser humano, sua essência, mostrando caminhos para trilhar durante sua existência. Para lutar contra o racismo precisamos de ação; o existencialismo humanista é ação, através da valorização do homem. Sendo assim, essa humanização requer trabalho, esforço, dedicação e, principalmente, engajamento dos seres humanos em prol da valorização de todos os homens negros e mulheres negras. O trabalho é árduo, porém precisa ser contínuo até que não seja mais necessário brigar por aquilo que deveria ser óbvio e natural na humanidade: a igualdade.

[11] PENSADORES, OS. Sartre. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1984, pág. 113.

1 - Conceitos de existencialismo e liberdade em Sartre

O existencialismo de Sartre está fundamentado na máxima “a existência precede a essência”, em que o ser humano nasce sem uma natureza humana e sua vida é consequência de suas escolhas e ações. A ação é um dos pilares do humanismo existencialista, pois o homem será uma construção decorrente de suas escolhas. Não há um destino definido, uma vez que o filósofo não acredita na existência de Deus. Dentro desse contexto, destacaremos a ideia de liberdade em Sartre, em que os homens são livres para fazerem suas escolhas, porém serão responsáveis pelas consequências, não podendo atribuir a outrem as responsabilidades de seus atos.

Neste primeiro capítulo, faremos um resumo do Existencialismo em Sartre e, logo depois, abordaremos os ideais de liberdade. Assim como feito com o Existencialismo, faremos análises sobre o olhar de Sartre para a liberdade, pois, para ele, a liberdade é uma condição humana para a existência no mundo, estando os seres humanos condenados à essa liberdade involuntária. O ser humano é livre para escolher, mas essa escolha, nem sempre é fácil.

1.1 – O existencialismo

O movimento filosófico existencialista surgiu na Europa, logo após a Segunda Guerra Mundial (1949-1945), num cenário de crise generalizada (política, econômica, social, etc.). O caos do pós guerra foi um ambiente propício para o desenvolvimento das ideias existencialistas, principalmente junto aos jovens, que estavam desacreditados e desanimados com a falta de perspectivas para o futuro da sociedade europeia. De acordo com PENHA (2001), o movimento passou a ser visto como um “estilo de vida, uma forma de comportamento”; o existencialismo era atribuído a tudo aquilo que era excêntrico, exótico ou fosse contrário ao tradicionalmente aceito pela sociedade.

> Os existencialistas eram acusados de pregar ideias dissolventes. Sua relação filosófica, dizia-se, era mórbida, sombria, amarga, preocupada em explorar o lado sórdido da existência humana, fixando-se nas exceções da vida. Corruptos, amorais, degradadores, perniciosos, pregoeiros do desespero a se comprazerem no tédio e na melancolia. Enfim, uma torrente de injúrias cobria os existencialistas. Estes, em réplica, afirmavam que seu comportamento não podia ser julgado mediante palavrões vigentes, pois tinham como projeto (uma das palavras-chave do vocabulário existencialista) justamente lançar as bases de uma nova moral. (PENHA, 2001, pág. 8).

O termo existencialismo, de acordo com o crítico e filósofo francês Jean Beaufret (1907-1982), é a união de palavra existência com o sufixo *ismo*, que indica uma doutrina. Existência é sinônimo de um movimento de exibir-se, mostrar-se, algo que seria colocado para fora, tendo como características a particularidade, a individualidade e a concretude. Sendo assim, o existencialismo seria uma doutrina filosófica que analisa a existência humana na sua forma mais subjetiva. Alguns de seus adeptos preferem usar o termo "filosofia da existência", ao invés de existencialismo (PENHA, 2001, pág. 12).

Jean-Paul Sartre foi o filósofo existencialista mais importante e polêmico do século XX. Suas obras literárias e peças teatrais ajudaram a repercutir amplamente seus pensamentos, porém muitas pessoas eram contra suas ideias, pois acreditavam que ele influenciava negativamente a juventude com a doutrina existencialista. Os ideais revolucionários de Sartre acabavam por aproximá-lo dos jovens e niilistas[12].

> Sua liderança não se deveu ao simples fato de ter iniciado o movimento. Decorreu, essencialmente da magnitude de seus dotes intelectuais, repartidos – numa rara e feliz combinação – entre o gênio filósofo e o talento de artista, ambos em alta proporção. Nenhum outro autor existencialista pôde rivalizar com ele nesse aspecto. Assim, os conceitos mais abstratos puderam com mais facilidade atingir um público bastante amplo através de romances, contos e peças teatrais, divulgação auxiliada por uma prodigiosa atividade jornalística que praticamente não excluiu de seu interesse nenhum assunto. Pense-se ainda no fino ensaísta e arguto crítico literário que foi Sartre, e torna-se fácil perceber as razões de seu êxito (PENHA, 2001, pág. 41).

Mesmo com essa parcela de popularidade, o filósofo foi duramente criticado e atacado devido ao seu posicionamento diante da existência humana. A projeção de Sartre aconteceu com a publicação da obra *O Ser e o Nada* (1943), em plena Segunda Guerra Mundial. Essa obra representa o amadurecimento das ideias do filósofo, mas recebeu duras críticas devido ao tipo de linguagem usada pelo autor, que dificultava o entendimento.

Para tentar desfazer o mal-entendido com os leitores, Sartre proferiu uma conferência intitulada *O Existencialismo é um Humanismo*, que aconteceu em 29 de outubro de 1945, em Paris (SARTRE, 2014, pág. 9), que acabou sendo estenografada e publicada. Nele o autor comenta sobre as principais críticas ao seu trabalho tentando esclarecê-las e minimizar os problemas criados pelos críticos da época. Ele ressaltou que, em algumas obras, frases foram retiradas do seu contexto e destacadas, perdendo assim o valor que lhes foram atribuídos a priori e acabaram virando uma espécie de "slogan diabólico" (SARTRE, 2014, pág. 10). O filósofo recebia acusações de toda a sociedade: críticos literários, cristãos, intelectuais e pessoas da sociedade em geral.

[12] Niilismo, segundo Friedrich Nietzsche (1844-1900), é a descrença no valor de todos os valores, de todas as crenças e da própria existência humana (BOEIRA, 2002).

A crítica dos cristãos se dava pelo fato de Sartre ser adepto do existencialismo ateu, que não acreditava na existência de Deus e uma possível natureza humana, em que o homem seria uma obra pré-concebida.

> O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser existe antes de ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define (SARTRE, 2014, p 25).

Essa natureza humana seria uma essência, que para Sartre seria uma construção pessoal. De acordo com Sartre, “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir dessa elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (SARTRE, 2014). Os católicos acreditavam assim, que Sartre descumpria os mandamentos divinos e que incentivava a libertinagem entre as pessoas, pregando contra a moral e os bons costumes da sociedade da época.

> E, na ótica cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, pois se suprirmos os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, não resta mais que a estrita gratuidade, podendo cada um fazer o que quiser, e sendo incapaz, a partir do seu ponto de vista, de condenar os pontos de vista e os atos dos outros (SARTRE, 2014, pág. 20).

Sartre, durante a palestra, explicou o fato de dizer que o existencialismo é um humanismo na tentativa de mostrar que a doutrina existencialista humaniza o homem e o coloca como o único responsável por suas ações e formação de sua essência. Com esse pensamento, Sartre acreditava que não teria ninguém para culpar, muito menos um Deus, pois não fomos feitos por um criador, não fomos dotados de uma natureza humana, mas nascemos sem querer e somos responsáveis por nossas escolhas, tendo liberdade para decidir o nosso futuro.

De acordo com o existencialismo, o homem primeiro existe no mundo e não está pronto, mas em fase de construção, que só acaba com a sua morte: “o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz o homem existir e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentes que ele é capaz de existir” (SARTRE, 2014, pág. 60).

O existencialismo é otimismo, ação, mudança, transformação constante, busca pelo seu eu, mas para que essa mudança aconteça, é necessário que haja uma motivação que faça com que o homem entre em ação. Para Sartre, o existencialismo foi denominado por ele como uma ideologia, está à margem do Saber e que para melhor compreensão e

aprofundamento, seria necessário voltarmos ao tempo de Kierkegaard, pois para ele o homem seria o significante (imagem), produzindo as significações e nenhuma significação o visa de fora; ele jamais é o significado (conceito). Dentro dessa explicação, Sartre dá o exemplo de que Abraão não sabe se ele é Abraão. E qual seria o conceito para ser Abraão? Ele apenas o é.[13]

Já vimos que a liberdade é condição fundamental para a ação, e que toda ação é intencional. Agora temos que buscar a motivação das ações. Não adianta nada termos a motivação, agirmos e não sabermos onde queremos chegar com isso. Qual a finalidade dessa motivação que gerou uma ação? Motivamo-nos por algo que nos falta, rumo à possibilidade de modificá-la, destacando a necessidade de uma motivação para agir. (SARTRE, 2015, pág. 541). A motivação é, então, como uma espécie de mola propulsora, que faz com que o homem entre em movimento para alcançar seus objetivos.

O que seria a existência e a essência para Sartre? Ele acreditava que o pensamento moderno reduziu o existente às suas aparições, com isso, suprimiu alguns dualismos e transformando-os em monismo do fenômeno (SARTRE, 2015, pág. 15). Resumindo: para tentar facilitar o entendimento da existência, o existente virou um fenômeno, deixando de lado algumas características fundamentais embutidas nas dualidades: interior e exterior, ser e aparecer, ato e potência, dentre outros.

> As aparições que manifestam o existente não são interiores nem exteriores: equivalem-se entre si, remetem todas as outras aparições e nenhuma é privilegiada. (...) o dualismo do ser e do aparecer não podem encontrar legitimidade na filosofia. A aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. A aparência, por sua vez, não é uma manifestação inconsciente do ser. Enquanto foi possível acreditar nas realidades numênicas, a aparência se mostrou puro negativo. Era “aquilo que o ser não é”; não possuía outro ser, salvo o da ilusão e do erro. Mas este mesmo ser era emprestado, consistia em uma falsa aparência, e a maior dificuldade que se podia encontrar era a de se manter suficiente coesão e existência na aparência para que ela não se reabsorvesse por si mesma no seio do ser não fenomênico. (SARTRE, 2015, pág. 15-16).

Dessa forma, o aparecer é a medida do ser, “o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta”.[14] Mas, para Sartre, o fenômeno é relativo e se revela como é, se tornando indicativo de si mesmo. Ele questiona o fim da dualidade de potência e ato, onde “tudo está em ato”, não existindo o vir a ser: potência (SARTRE, 2015, pág. 16). Porém, esta supressão não foi convincente para Sartre, pois ele não estava certo de que essa redução do existente em fenômeno acabaria com os dualismos: “O existente, com efeito, não pode se reduzir a uma série finita de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um

[13] PENSADORES, OS. Sartre. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1984, pág. 115.
[14] Ibid.

sujeito em perpétua mudança” (SARTRE, 2015, pág. 17).

Para ele, só pelo fato de tratarmos de um sujeito, um ser humano, já haveria a multiplicidade de interpretações sobre um mesmo fato. Cria-se então o dualismo: finito e infinito, essa série de aparições serão infinitas. Tudo está diretamente ligada à forma como o indivíduo é afetado com essas aparições. Sartre deixou um exemplo sobre a cor vermelha, onde a cor seria a primeira aparição (finita) e tudo o que nos vincularmos ao vermelho seriam as formas de transcendermos à primeira aparição e transformá-la numa série infinita de suas aparições (sangue, amor, calor, obra de arte, etc.).

A ideia primária se transforma em muitas outras aparições transcendentes: “nossa teoria do fenômeno substitui a realidade da coisa pela objetividade do fenômeno e fundamentou tal objetividade em um recurso ao infinito” (SARTRE, 2015, pág. 17). Uma taça pode existir como taça, mas pode também ter outras aparições além de um objeto que tem a finalidade inicial de servir uma bebida. Essa mesma taça pode se apresentar como um vaso para plantas, um porta lápis, um objeto de decoração, entre outros, mas sem deixar de ser uma taça. Ao pensarmos dessa forma, estamos focando na sua essência: “a essência está radicalmente apartada da aparência individual que a manifesta porque, por princípio, a essência é o que deve poder ser manifestado por uma série de manifestações individuais” (SARTRE, 2015, pág. 18).

Sendo assim, a essência da aparição é o aparecer e não é sustentada por nenhum existente. A essência não está no objeto, mas nas formas como as aparições se manifestam.

> Em um objeto singular podemos sempre distinguir qualidades como cor, odor, etc. E, a partir delas, sempre se pode determinar uma essência por elas compreendida, como signo implica significação. O conjunto “objeto-essência” constitui um todo organizado: a essência não está no objeto, mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam. Mas o ser não é nem uma qualidade do objeto captável entre outras, nem um sentido do objeto. O objeto não remete ao ser como se fosse uma significação: seria impossível, por exemplo, definir o ser como uma presença – porque a ausência também revela o ser, já que não estar aí é ainda ser. O objeto não possui o ser, e sua existência não é a aparição do seu ser, ou qualquer outro gênero de relação com ele. Ele é, eis a única maneira de definir seu modo de ser; porque o objeto não mascara o ser, mas tampouco o desvela: não o marcara porque seria inútil tentar apartar certas qualidades do existente para encontrar o ser atrás delas, e porque o ser é o ser de todas igualmente; não o desvela, pois seria inútil dirigir-se ao objeto para apreender seu ser. O existente é fenômeno, quer dizer, designa-se a si mesmo como conjunto organizado de qualidades”. (SARTRE, 2015, pág. 19).

Dessa forma, as coisas só existem quando se revelam, se mostram, se apresentam, aparecem. Chegamos à conclusão que existir é aparecer e a essência da aparição é o aparecer. Então voltamos à máxima de Sartre: “A existência precede a essência”.

Mais adiante, no capítulo dois, abordaremos a relação entre o existencialismo e a

liberdade com o racismo, que é o tema central deste trabalho. Nesse primeiro momento achamos relevante abordar as ideias de existencialismo e liberdade de forma separada para depois fazer a correlação.

1.2 – A liberdade

O conceito de liberdade tem muitas interpretações e, para darmos início a este tópico, consideramos necessário entender alguns de seus significados. Etimologicamente, a palavra liberdade vem do latim *libertas.atis*[15], que é um substantivo feminino que significa autonomia ou independência, mas além deste conceito, existem outras formas de interpretação e utilização para a palavra liberdade.

Foram os gregos que sistematizaram o conceito de liberdade. Para eles, a palavra era usada para diferenciar os cidadãos livres dos escravos. Os gregos utilizavam o termo *eleuteros* para classificar o homem livre. Já para os latinos, o termo liberdade surgiu do adjetivo *líber*, que significa liberto. Sua utilização era para classificar aquele "indivíduo que já estava pronto para ser incorporado na vida da comunidade" (BUENO, 2007, pág. 12 -13).

De acordo com BUENO (2007), existia uma clara diferença entre o uso da palavra liberdade e o significado de homem livre: enquanto para os gregos a palavra era usada como forma de distinção de classe social, para os latinos liberdade era empregada para caracterizar aqueles homens que já poderiam assumir sua responsabilidade junto à comunidade. Sendo assim, o homem livre do grego seria o homem não escravizado; para os latinos, aqueles com responsabilidades.

Para Sartre a liberdade é uma condição humana e a condição primordial da ação é a liberdade (SARTRE, 2015, pág. 536). Portanto, o homem nasce livre para agir e deve fazê-lo, vivendo sua existência e criando uma essência. Cabe ao homem arquitetar seu futuro, estando em suas mãos o poder decisório, não sendo livres para deixar de ser livre (SARTRE, 2015, pág. 544).

Sartre, por ser adepto ao existencialismo ateu, como vimos anteriormente, acreditava que o homem não tem em quem se amparar, no tocante às escolhas e responsabilidades, não existindo um culpado pela existência humana, muito menos uma natureza humana pré-determinada por ele. O homem não nasce pela vontade de Deus, todavia ele nasce sem querer e sem que ninguém o determine.

Contudo, para as pessoas que acreditam na existência de Deus, o qual seria o

[15] Significado de Liberdade. Disponível em https://www.dicio.com.br/liberdade/. Acesso em Jan. 2019.

responsável por tudo o que acontece em suas vidas, é muito comum escutarmos a frase: “foi da vontade de Deus”[16]. Na linha de pensamento de Sartre, não existe a vontade de Deus, porque ele não existe, mas caso existisse, ele seria responsável pela regência da vida humana, como um grande maestro, onde os seres humanos seriam uma espécie de bonecos em suas mãos, fazendo somente aquilo que o criador quisesse através do seu comando (determinismo). Nesse caso, o homem não seria livre, mas estaria atrelado aos desejos de seu criador.

No entanto, segundo Sartre, a liberdade é condição primordial da existência humana, então a partir do momento que vivemos, somos livres e não temos escolha. A liberdade do ser que pratica a ação é condição fundamental para toda ação, sendo que a ação é uma manifestação da liberdade. O homem pode ser livre, mesmo estando aprisionado fisicamente. Para ele, não é possível problematizar a liberdade como um todo, pois “a liberdade não é uma faculdade da alma apta a ser encarada e descrita isoladamente” (SARTRE, 2015, pág. 68). O homem não tem escolha quando se diz respeito à liberdade, pois ele é livre a partir de sua existência no mundo.

Sartre acreditava que o *ser* surge como liberdade, que seria uma condição para a sua existência:

> A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos de liberdade não pode se diferençar do ser da “realidade humana”. O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o *ser* do homem e o seu “*ser-livre*”. Portanto, não se trata aqui de abordar de frente questão que só pode ser tratada exaustivamente sob a luz de rigorosa elucidação do ser humano; precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita em que condiciona a aparição deste. (SARTRE, 2015, 68).

Sendo o Nada algo muito abstrato e difícil de explicar, Sartre destaca que existem várias atitudes na “realidade humana” que podem nos ajudar a entender e compreender o Nada como, por exemplo: o ódio, a proibição, a tristeza e a angústia, entre outros. Para Heidegger, segundo Sartre: “o Nada não é, o Nada se nadifica. Está sustentado e condicionado pela transcendência” (SARTRE, 2015, pág. 59). Transcendência esta que nos dá a possibilidade de ir além, sendo o nada um ponto de partida para o devir.

De acordo com Sartre, o homem existe quando aparece, mostrando quem é. Para que essa “realidade humana” faça o ser aparecer, ela precisa transcender este ser. Para Heidegger, a transcendência é toda a determinação, que toma o ponto de vista. Essa transcendência do mundo seria condição do seu próprio surgimento no qual o homem está separado do ser que ele é que ele não é. Dessa forma, faz sua aparição e volta para dentro

[16] Dito popular.

de si para se organizar no mundo. Sartre destaca que essa aparição de *si-mesmo* para além do mundo é a “realidade humana” que está emergindo do nada e somente do nada ele pode transcender ao ser. Sendo assim, a “realidade humana” surge do nada, ou seja, o ser surge quando ele se faz presente na realidade humana.

> A liberdade requer visibilidade, mas, para que isto aconteça, faz-se necessário um mundo de outros. Esquivar-se do mundo é uma ladeira escorregadia que, no final das contas, leva à perda de si. Até mesmo o auto reconhecimento requer uma colocação sob o ponto de vista de um outro. (FANON, 2008, pág. 16)

Sartre ressalta que a liberdade amedronta as pessoas, porque ela é condição para a existência humana e impacta na vida da sociedade em geral: “Quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens” (SARTRE, 2014, pág. 27). Tomando consciência da liberdade, atinente ao ser, surge a angústia. De acordo com Sartre: “(...) é na angústia que o homem toma consciência da sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão” (SARTRE, 2015, pág. 72). A angústia é o sentimento que o homem sente ao perceber que suas escolhas individuais irão impactar em toda humanidade.

Para Kierkegaard, a angústia viria antes da culpa e se distingue do medo, pois o medo é dos seres em geral, já a angústia é diante de mim mesmo. Sartre dá um exemplo para ajudar a compreender esse trecho sobre a angústia, para Kierkegaard: a formação de uma artilharia para uma guerra dá medo, porém desperta a angústia no momento em que o soldado não sabe as consequências daquela ação e se ele terá condições de suportá-la.

> Neste sentido, medo e angústia são mutuamente excludentes, já que o medo é apreensão irrefletida (*irréfléchie*) do transcendente e angústia a apreensão reflexiva de si; uma nasce da destruição da outra, e o processo normal, no caso, é um trânsito constante de uma para outra. Mas há também situações em que a angústia aparece em estado puro, ou seja, jamais precedida ou seguida pelo medo. (SARTRE, 2015, pág. 73).

Escolher implica agir e, para Sartre, a ação é uma forma de modificar o mundo e as pessoas que nele vivem e, para que ela ocorra, é necessário dispor de meios adequados. Para que essa transformação aconteça, temos que ter em mente qual são os nossos objetivos e nos munirmos de instrumentos que possam nos auxiliar para chegarmos às metas. Esses instrumentos precisam estar devidamente organizados e conectados, de tal forma que uma mudança acarrete modificações em toda a série (SARTRE, 2015, pág. 536). Podemos aqui exemplificar usando uma brincadeira de criança conhecida como “trenzinho de dominós”:

quando dispomos, os dominós, enfileirados corretamente e empurramos o primeiro, todo o restante cairá de forma contínua, um a um; mas quando um estiver colocado fora do lugar, não conseguiremos derrubar o restante até o final. Dessa forma, a organização e a conexão entre as peças serão fundamentais para atingirmos a meta, que é derrubar todos os dominós enfileirados. Assim acontece com a humanidade, pois cada ação implica numa consequência.

Sartre destaca que um ato individual envolve toda a humanidade. Quando você faz uma escolha, você está impactando na vida de outras pessoas, porém, a não escolha também é uma escolha. Quando eu decido por não fazer algo, estou conscientemente determinando por não fazer e isso também terá uma consequência. De acordo com o filósofo: "sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem do homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem" (SARTRE, 2014, pág. 28). Para ele, a ação é por princípio intencional e quando o fazemos, realizamos intencionalmente uma tarefa, mesmo sem pensar nas consequências.

Ratificando o parágrafo anterior, Sartre evidencia a história do Imperador Constantino, ao estabelecer-se em Bizâncio e criar Constantinopla. Com essa atitude, ele não previa que iria criar uma cidade que causaria um cisma na Igreja Católica e contribuiria para enfraquecer o Império Romano. Uma ação desencadeou muitas outras e as mudanças aconteceram de forma geral, impactando toda a humanidade. Para Sartre, a liberdade é condição fundamental para que o ser possa atuar, agir e modificar uma circunstância (SARTRE, 2015, pág. 540).

Frequentemente, junto com a angústia, vem a má-fé. Esta seria uma forma de mascarar a angústia, escondendo os verdadeiros sentimentos: "Aquele que mente e se escusa dizendo que nem todo mundo age assim é alguém que não está bem à vontade com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira (SARTRE, 2014, pág. 29). Então, a má-fé está relacionada com a responsabilidade sobre nossas escolhas e decisões, assim como as pessoas envolvidas nela.

Em concordância com o filósofo Renato Janine Ribeiro[17], a liberdade é o oposto da má-fé, pois nesta podemos fingir e fugir de certas situações, diferentemente da liberdade, a qual somos obrigados a lidar. Sartre acreditava que a liberdade não era uma escolha, mas uma condição em que "o homem está condenado a ser livre" (SARTRE, 2014, pág. 33). Para ele, quando fazemos algo obrigados, mesmo sabendo das consequências, somos responsáveis pelo ato, pois a obrigação pode não ser cumprida, mas aceitar cumpri-la é uma escolha. Conforme Ribeiro, a má-fé seria uma forma de sacrificar quem você é para cumprir um papel, um personagem, e renunciar a liberdade é uma forma de exercer a liberdade também (livre arbítrio).

[17] Café Filosófico: entrevista de Renato Janine Ribeiro. Sartre: política, ética e engajamento. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GnaXyrFG-bU&t=691s. Acesso em 05 de Fev. 2019.

Neste contexto, Sartre explica que a liberdade é a condição primordial da ação (SARTRE, 2015, pág. 536), onde agir é modificar o mundo, sendo a ação intencional, por princípio. Você pode agir ou não, mas o não agir também é uma ação. O não fazer tem muitas consequências na vida de outras pessoas, por isso aqui ressaltamos a nossa responsabilidade com as ações e a liberdade de escolhas.

> A realidade-humana é livre porque não é bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadificação na forma do "reflexo-refletidor". O homem é livre porque não é em si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. (SARTRE, 2015, pág. 545).

De acordo com Sartre, a nadificação é o ser da liberdade: "A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade-humana a fazer-se em vez de ser" (SARTRE, 2015, pág. 545). Sendo assim, o homem está condenado a ser livre e deverá fazer escolhas durante toda a sua existência, para então formar a sua essência, sendo ele o que ele o fará.

Mas, por que o homem está condenado a ser livre? Condenado, pois, de acordo com Sartre "ele não criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz" (SARTRE, 2014, pág. 33). Esse ideal de liberdade sartreano é condição inevitável para a existência humana, pois mesmo preso numa cela, o homem é livre. Ele pode escolher por não mais se alimentar e morrer ou viver em um mundo imaginário, como meio de transcender aquela triste realidade aprisionada. Com a liberdade, cabe somente ao homem agir em causa própria, pois, como vimos acima, a liberdade não é uma questão de escolha humana, ela é condição para a existência humana.

2 - Pensando o racismo segundo os conceitos de existencialismo e liberdade

Neste capítulo, abordaremos o racismo fazendo um elo com os conceitos de existencialismo e liberdade sartreano. Como uma construção social, o racismo e suas manifestações têm consequências impactantes na vida das pessoas. O racismo antinegro teve início no Brasil no período colonial, porém ele continua presente até os dias atuais.

O preconceito racial causa sofrimento e dor naqueles que têm a negritude[18] como marca, pois como vimos no capítulo anterior, o negro não tem como negar sua aparência dizendo que não é negro. Isso está definido no momento de seu nascimento. Ali, todas as condições estão impostas, ao que acaba de surgir no mundo, sem que este possa escolher.

Nascemos num determinado contexto histórico, numa região do planeta específica, na qual faremos parte de uma família com pessoas diferentes de nós, teremos que aprender a lidar com todas as situações que nos foram impostas pela existência, sejam elas sociais, econômicas ou culturais; sem direito à escolha. Por que os homens não podem escolher as condições da sua existência? Pois o homem surge gratuitamente no mundo, sem pedir, sem querer, nada o explica; ele simplesmente existe. As escolhas surgem após o nascimento do ser humano e cabe aos homens dar uma finalidade existencial, dentro das condições nas quais vivemos. Não escolhemos ser brancos, negros ou índios; somos e ponto final.

Os ideais de existencialismo e liberdade de Sartre, nos fundamentaram para fazermos nossas análises sobre o racismo antinegro. Contudo, homens e mulheres negras são afetados, diariamente, pelo preconceito racial.

[18] MUNANGA, Kabengele (Prefácio da obra *Branquitude*: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2017, pág. 9 e 10): “A ideia de negritude vem sendo construída desde o fim do século XIX pelo Movimento Pan-africano nascido nos Estados Unidos e nas Antilhas Britânicas, mas ela se transforma nitidamente em Movimento Intelectual e Político negro na década de 1930 a partir da inciativa dos estudantes negros das Antilhas Francesas e da África em busca de assimilação cultural europeia na Universidade Francesa. A assimilação não era outra coisa que a busca do branqueamento através da adoção de uma cultura hegemônica ocidental já que era impossível mudar a cor da pele e traços morfológicos que constituíam a negritude. O que deu o título à obra de Frantz Fanon “Peles Negras Máscaras Brancas”. Desde então o conceito de negritude entrou na literatura, dando origem a uma rica e abundante produção intelectual, principalmente negra. Resumidamente, Aimé Césaire a definiu como “a consciência de ser negro”, simples reconhecimento de um fato que implica a aceitação: assumir sua negritude, sua história e sua cultura; ou seja, sua identidade.

2.1 – Racismo e existencialismo

> Sou branco, quer dizer que tenho para mim a beleza e a virtude, que nunca foram negras. Eu sou da cor do dia...
> Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra... (FANON, 2008, pág. 56).

Fanon, no trecho acima, destaca diferenças entre o ser branco e o ser negro. A existência é o ponto de partida na jornada da vida. Ao nascermos, não sabemos quem somos e não nos damos conta de nossa existência em si; apenas vivemos.

O filósofo Franklin Leopoldo e Silva[19] diz que a essência é aquilo que dá a razão da existência. O que fazemos da nossa vida é o que faz a vida valer a pena existir, porquanto somos seres que nascemos sem pedir e não temos uma razão para estarmos vivos.[20] Segundo ele, vivemos uma gratuidade existencial, dessa maneira estamos no mundo e temos que agir para criarmos a nossa essência humana. Não somos seres necessários, mas contingentes, não tendo uma razão para existir, é no decorrer do processo de existência que o homem constitui o seu ser. Essa constituição do ser, será de única e exclusiva responsabilidade dele, pois segundo Silva “A origem do homem é o próprio homem”.

Quais os impactos que as pessoas negras têm em sua existência que interfira na formação da sua essência, uma vez que já foi comprovado cientificamente que não existe diferença genética entre os seres humanos e, por isso, as raças são uma construção social?

O racismo é uma força de desumanização em prol de um sistema colonial, que perdura até os dias atuais. Segundo ABBAGNANO (2007), inicialmente, o foco do racismo eram os negros e os judeus, que eram perseguidos e mortos por não serem considerados uma raça ariana e pura. Sartre era judeu e de certa forma sabia o que era ser perseguido, pois sofreu com o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, porém nada sabia sobre o preconceito racial antinegro. Inclusive Sartre teve muita dificuldade em escrever sobre o racismo contra as pessoas negras.

O racismo antinegro surge com o processo de dominação e colonização, fazendo com

---

[19] Professor titular aposentado de história da filosofia moderna e contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e professor visitante da UFSCar, é especialista em Descartes, Bergson e Sartre. Autor de inúmeros artigos e parte de várias coletâneas, é autor, entre outras, de O Conhecimento de Si (Casa do Saber/Casa da Palavra, 2011). Disponível em https://casadosaber.com.br/sp/professores/franklin-leopoldo-e-silva.html. Acesso em 25 de ago. 2019.

[20] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

que muitas pessoas, como Sartre e eu, mesmo com muita boa vontade, ainda tenhamos dificuldade de enxergarmos o racismo sistêmico que estamos inseridos socialmente e não nos damos conta. Principalmente aqui no Brasil, onde a nossa formação populacional é formada pela junção de povos de várias etnias, essa dificuldade em perceber que o racismo está arraigado em nossa cultura foi se naturalizando com o tempo e hoje é muito difícil até de diagnosticarmos em nós mesmos.

> Racismo é a doutrina segundo a qual todas as manifestações histórico-sociais do homem e os seus valores (ou desvalores) dependem da raça; também segundo essa doutrina existe uma raça superior ("ariana" ou "nórdica") que se destina a dirigir o gênero humano. O fundador dessa doutrina foi o francês Gobineau (1853-55), que visava a defender a aristocracia contra a democracia. No início do séc. XX, um inglês naturalizado alemão, Houston Stewart Chamberlain, difundiu o mito do arianismo na Alemanha (1899), identificando a raça superior com a alemã. Como o antissemitismo era antigo na Alemanha, a doutrina do determinismo racial e da raça superior encontrou fácil difusão. (ABBAGNANO, 2007, pág. 834).

Como vimos anteriormente, os negros africanos foram retirados de suas famílias, de sua terra e levados como escravos para as colônias, havendo uma ruptura total com suas raízes e culturas. O negro foi subjugado, torturado, animalizado e desumanizado. Houve um processo longo de dominação pelos europeus.

Conforme Fanon, o racismo, tanto o antissemita quanto o antinegro, está na implicação de um perigo: “O preto representa o perigo biológico. O judeu, o perigo intelectual” (FANON, 2008, pág. 143). O racismo então seria uma forma socialmente construída para criar obstáculos, bloqueando e dificultando a vida dessas pessoas que representassem algum “perigo” social ou econômico.

Depois de muitos anos de escravidão, os negros começaram a conseguir a sua liberdade, mas não sabiam o que fazer com ela, pois suas famílias não existiam mais, sua terra estava muito distante, o processo de aculturação foi profundo e gerou muitos traumas aos homens e mulheres negras. A reconstrução de suas identidades foi, e ainda é, um duro processo, pois, mesmo nos dias atuais, o negro tem dificuldades de se sentir parte, pertencendo; ele age como se ainda fosse um estrangeiro em sua terra natal.

De acordo com Fanon, o processo para a construção de uma identidade é muito difícil, mas extremamente necessário: “assistimos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, pág. 30).

Lewis R. Gorgon, prefaciando o livro de Fanon (2008), ressalta que para o autor “o racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros” (FANON, 2008, pág. 17). Sendo assim, houve a construção de uma identidade negra feita

pelo colonizador branco, onde a sua existência já estaria marcada por algo que ele não tinha controle nem poder de ação contrária, pois o processo de subjugação foi longo e profundo, deixando a maioria dos negros com um sentimento de inferioridade, assim como havia a existência de uma identidade branca marcada, na qual ambas são obstáculos para a construção em si da liberdade. Tanto o negro quanto o branco estão presos.

> O negro contentou-se em agradecer ao branco e a prova mais brutal disso é o número impressionante de estátuas disseminadas pela França e pelas colônias, representando a França Branca acariciando a cabeleira crespa do bom preto, cujos grilhões foram quebrados.
> "Diga obrigado ao senhor", diz a mãe ao filho... Mas sabemos que, muitas vezes, o menino sonha em berrar alguma outra palavra – mais repercussiva...
> O branco como senhor diz ao preto: "A partir de agora você é livre."
> Mas o preto ignora o preço da liberdade, pois ele não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores. O antigo escravo, que não encontra na sua memória nem a luta pela liberdade nem a ânsia da liberdade de que fala Kierkegaard, fica com a garganta seca diante do jovem branco que brinca e canta na corda bamba da existência. (FANON, 2008, pág. 183).

O homem negro foi se constituindo à medida que o homem branco permitiu. A sua liberdade existencial foi mantida, pois ela é uma condição humana, mas a sua essência foi impactada. Os negros precisaram se reinventar no mundo e buscar caminhos alternativos para se afirmarem como homens; humanos.

> No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem "um longo passado histórico". Provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra. (FANON, 2008, pág. 46).

Dentro de um processo histórico, temos nossas identidades construídas por nós e por aqueles que convivem conosco, porém, no caso dos negros, para existir, ele precisa ser visto, notado e aceito pelo branco, como alguém digno de ser considerado ser humano.

De acordo com Fanon, o racismo está no não reconhecimento do outro como existente:

> O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, pág. 180).

Compartilhamos a crítica na qual os negros tendem a se diminuir e a diminuir o seu semelhante, deixando nítida a continuidade dessa inferiorização na sua constituição enquanto

homem do seu tempo; homem que foi colonizado, liberto, mas que ainda tem dificuldades de autoaceitação e orgulho de ser quem é.

Segundo ALMEIDA[21], ao nascer, o negro não sabe que é diferente. As pessoas não falam, elas mostram a diferença nas atitudes com as pessoas “de cor”.

> Quando você é criança você nasce, você é pequeno e tal; você não fala assim: eu sou negro! Não. Você é negro porque as pessoas te dizem que você é; elas geralmente não dizem, elas mostram pra você que você é negro. Toda pessoa negra tem duas certidões de nascimento: a oficial e aquela que lhe é atribuída pelo racismo. No dia que ela sofre a primeira discriminação ela entende que ela é negra e eu entendi.[22]

Assim como Almeida, Fanon também concorda com a descoberta da diferença negra: “O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina” (FANON, 2008, pág. 133).

Na visão de Almeida as instituições contribuem para o aumento da discriminação racial. Ele contou, durante a palestra, que foi na escola que começou a ter contato com o racismo de fato: “A educação emancipa, liberta. Liberta coisa nenhuma! A educação põe ordem; a educação, em geral, coloca ordem, ela estabelece ordem, ela coloca as coisas e as pessoas no seu devido lugar. Eu aprendi”.[23] Ele foi discriminado pela professora e chamado de bandido, pois estava frio e ele estava usando um gorro, assim como todos os outros amiguinhos, mas a professora falou que ele deveria retirá-lo, pois estava parecendo bandido. Nessa passagem fica notória a distinção que esta pessoa fez entre ele e os demais alunos.

Almeida já publicou livros sobre os impactos do racismo na vida dos negros e dá palestras sobre o tema, aprendeu a reinventar sua história e não se enquadra como vítima, mas ele mostra formas como superou e supera o racismo a cada dia vivido como homem negro. Destacamos uma frase de Sartre que se encaixa com a forma com que o racismo afeta as diversas pessoas negras**:** “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que

---

[21] Doutor e Pós-doutor pelo departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Direito Político e Econômico e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor do Curso de Graduação em Direito e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito Político e Econômico da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Professor de Filosofia e Ética e de Compliance, Governança Corporativa e Implementação de Práticas Antidiscriminatórias na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Professor de Filosofia do Direito e Introdução ao Estudo do Direito da Universidade São Judas Tadeu (SP). Presidente do Instituto Luiz Gama (SP). Consultor especializado na implantação de políticas de diversidade. Advogado em São Paulo. Disponível em https://www.escavador.com/sobre/2023210/silvio-luiz-de-almeida. Acesso em 25 de ago. 2019.

[22] História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=gwMRRVPl_Yw. Acesso em 28 de mai 2019.

[23] História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=gwMRRVPl_Yw (trecho 49’57” até 51’11”). Acesso em 28 de mai 2019.

você faz com aquilo que fizeram com você".

De acordo com Silva, chegamos ao mundo diante de uma situação definida e delimitada. Existe um conjunto de fatores que nos é colocado e do qual nós não podemos interferir:

> Há todo um conjunto de fatos que delimitam a minha situação no mundo e nos quais eu não posso interferir, até porque, já existiam antes que eu aparecesse: a época em que eu nasci, o lugar, a família, a classe social. Enfim, uma série de condições que eu não escolho, que eu não posso modificar e que são aquelas em meio as quais vai acontecer o exercício da minha liberdade. Portanto a minha liberdade é limitada por tudo isso que me rodeia e sobretudo pelos outros, pelas outras pessoas que me rodeiam. [24]

Ainda de acordo com Silva, Sartre chamava os obstáculos de "Índices de Adversidades".[25] Essas dificuldades, por vezes, se tornam maiores para as pessoas negras, pois elas precisam fazer muito mais esforço para ultrapassar as barreiras sociais. Mesmo com todo o esforço para voltar nosso estudo para não focar na meritocracia, infelizmente esta permeia a nossa sociedade. Não precisamos dar ênfase, até porque não é objetivo, porém são situações que as pessoas negras enfrentam cotidianamente.

Um bom exemplo disso é um vídeo no qual um professor coloca vários alunos dispostos uns ao lado dos outros. Depois ele vai fazendo perguntas sobre a vida deles e, a cada resposta afirmativa, o aluno dará um passo à frente. As perguntas são do tipo: quem sempre estudou em escola particular? Quem nunca precisou trabalhar para ajudar em casa? Quem nunca foi perseguido em uma loja? Quando acabaram de responder, havia uma grande desvantagem entre eles. O professor então, explicou que se tratava de uma corrida, contudo ficou nítida a vantagem de uma sobre as outras: aqueles que deram passos à frente foram alunos privilegiados e de pele clara. Sendo assim, na largada, os alunos negros, que largaram bem atrás dos alunos brancos, para vencer, tiveram que correr bem mais, pois já começaram em desvantagem.

O racismo está a cada dia mais aparente, contudo muitas pessoas ainda acreditam que ele não existe. O preconceito está escancarado no nosso dia a dia, em gestos, falas e atitudes que não nos damos conta que fazemos, pois o racismo é estrutural, mas somente o negro sabe das suas batalhas diárias para viver em um mundo tão preconceituoso.

> Entretanto, pode-se argumentar que não há intenção nem desejo de afligi-lo. Concordamos, mas é justamente esta ausência de intenção, esta desenvoltura, esta descontração, esta facilidade em enquadrá-lo, em aprisioná-lo, em primitivizá-lo, que é humilhante. (FANON, 2008, pág. 45).

---

[24] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.
[25] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

A negação do racismo é ainda pior do que admiti-lo. Para Sartre, é preciso tomar consciência sobre o ser negro, este que precisa ser reconhecido e parar de ser subjugado:

> (...) o preto sofre o seu jugo, como preto, a título de nativo colonizado ou de africano deportado. E, posto que o oprimem em sua raça, e por causa dela, é de sua raça, antes de tudo, que lhe cumpre tomar consciência. Aos que, durante séculos, tentaram debalde, porque era negro, reduzi-lo ao estado de animal, é preciso que ele os obrigue a reconhecê-lo como homem. (SARTRE, 1960, pág. 110 - 111).

De maneira geral, aos homens não foi dado escolha sobre qual contexto histórico, cultural e social eles nasceriam, porém, nascido em situação determinada, o ponto chave é o que eles farão com a realidade que lhes foi imposta e como eles irão definir sua existência.

A questão do racismo é ainda pior, pois temos homens negros e mulheres negras, que além de tudo o que já descrevemos acima, ainda serão obrigados a lidar com o preconceito racial por terem a pele negra e precisarão lutar muito mais do que os brancos para provar a sua existência enquanto seres humanos, pois o negro só existe quando é reconhecido pelo branco.

2.2 – Racismo e liberdade

Entender a liberdade não é algo muito fácil, devido aos inúmeros conceitos e significados da palavra em si. Como já vimos no capítulo 1, no item 1.2, a liberdade da qual fala Sartre é a que se refere à condição humana, não existindo vida sem liberdade, porém temos vários outros conceitos.

O significado mais usado para liberdade é aquele que se opõe a estar preso, acorrentado. Segundo Sartre, “A própria denominação de liberdade é perigosa, caso subentendamos que a palavra remete a um conceito, como as palavras habitualmente fazem. Indefinível e inominável, a liberdade será também indescritível?” (SARTRE, 2015, pág. 542).

De acordo com o filósofo, um homem pode ser livre mesmo estando dentro de uma cela. Essa liberdade fica caracterizada em sua obra *Entre quatro paredes* (2006), na qual o autor narra a história de três pessoas que estão presas dentro de um quarto: Garcin, um escritor decadente e covarde; Estelle, uma burguesa fria e fútil, que matou o bebê que teve com o amante; e Inês, uma mulher sem escrúpulos, funcionária dos correios e homossexual, que tentava a todo custo seduzir Estelle. Eles descobrem que já morreram e que estão confinados para, juntos, pagarem por seus pecados cometidos em vida. Dentro de um único cenário: um quarto todo trancado e sem espelhos, eles se dão conta que deveriam estar no

inferno, mas que o inferno não era o local: “o inferno são os outros”. Dentro desse contexto, podemos analisar a importância do julgamento do outro, porque eles estavam sendo condenados a se ver pelos olhos dos outros personagens.

Sendo assim, Sartre entende que a nossa liberdade e a nossa existência passam pelo olhar, pelo entendimento e também pela aprovação do outro:

> Certamente, eu não poderia descrever uma liberdade que fosse comum ao outro e a mim; não poderia, pois, considerar uma essência da liberdade. Ao contrário, a liberdade é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias”. (SARTRE, 2015, pág. 542).

Os homens constroem sua vida através do outro, pois vivemos em sociedade e criamos leis e regras, que são comuns a todos, e acabam por determinar certas circunstâncias, mas não irão bloquear a nossa liberdade existencial, pois esta é uma condição para a vida. Segundo Leopoldo e Silva, “A liberdade é absoluta e não está condicionada por qualquer determinismo”[26]. O homem é liberdade. Ele não a possui, como qualidade ou atributo; a liberdade é ele mesmo. O professor ainda destaca algumas características importantes do existencialismo humanos e sua liberdade: o homem está só; surge gratuitamente no mundo e desaparece do mesmo modo; nada o explica, não tem fundamento; não possui raízes metafísicas, nem naturais e está desamparado.

E por que o homem se encontra desamparado? O motivo é que ele se constitui e não tem com quem dividir a responsabilidade de sua existência, pois segundo Silva quando se procura agir pelo critério da humanidade, então você terá que inventar essa humanidade. Ao homem e, somente a ele, é dado o poder da ação; então somos nós que criamos as nossas próprias regras. Nossa moral e costumes vêm de nós mesmos. Ainda de acordo com Leopoldo, existe a singularização de uma universalidade que nós procuramos viver, e estamos presos à liberdade de ser humano.

> As minhas escolhas sempre dependerão, em grande parte, pelo menos, do sentido que eu vier a atribuir a esses fatos e as outras pessoas com as quais eu me defronto. Não posso mudar o fato de que existem coisas e de que existem outras pessoas, de que existe um mundo objetivamente dado, mas posso livremente atribuir este ou aquele sentido a esses fatos, e é nessa diferença entre o fato bruto e o sentido que eu posso atribuir a ele, através da minha liberdade, é nesse espaço, nessa diferença que, justamente, ocorre o exercício da minha liberdade, sempre situada”.[27]

[26] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.
[27] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

Essa liberdade vai dialogar com o racismo, pois o negro já ocorrerá com o peso da cor em sua existência; sua liberdade já estará marcada pelo fato de ser negro, porém caberá a ele colocar em prática a frase de Sartre: “O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”. Uma vez que a existência do homem negro ou mulher negra já está determinada pela cor, cabe a eles escolher o que fazer com o que fizeram deles e como irão lidar com o racismo, pois em um dado momento isso irá acontecer. As pessoas não falam, elas mostram a diferença nas atitudes com as pessoas de cor. Na infância mesmo as diferenças já ficam evidentes entre crianças negras e brancas, sendo a escola uma das maiores vilãs dessa discriminação.

Não escolhemos nascer, mas estamos condenados à existência e estamos livres para isso, cabendo somente a nós decidir o que fazer. Ao negro, além da liberdade existencial, é dado também um fardo social: sua cor. Ela é inegável, irrecusável, indescritível, pois ser negro será sempre ser relativo ao branco, é estar em busca de reconhecimento e de identidade num mundo que o vê sempre como escravo colonial, mesmo em pleno século XXI.

De que forma esse homem irá construir sua essência, sua identidade, sua vida? Essa é uma resposta que somente os negros poderiam dar, caso soubessem ou pudessem falar por todos. Entretanto, como eles estão buscando descobrir o caminho e ao mesmo tempo, construindo suas essências dentro de um contexto determinado pela existência que lhes foi dada, pela vida. Edificar suas estruturas sobre o preconceito, fazendo com que seus alicerces tenham que ser levantados sobre um terreno que é passível de abalos sísmicos a qualquer momento e, para tal, precisam ter uma preparação mais forte e flexível para não ruir no primeiro terremoto. Essa analogia é uma forma que nos ajuda a pensar sobre o esforço que é ser negro no Brasil e criar a sua essência num terreno onde o preconceito racial é o abalo sísmico que tenta desmoronar a integridade de cada pessoa negra. Não basta ter alicerces firmes, mas o negro precisa adaptar-se aos intempéries do preconceito e não ruir toda a sua estrutura física e emocional.

Para Silva “Um sujeito livre é sempre um agente histórico. A existência, portanto, é sempre uma existência histórica. Com isso, a liberdade e a responsabilidade ganham significações muito concretas, muito bem determinadas”.[28] Sendo o homem negro um sujeito livre e um agente histórico, caberá a ele criar o seu caminho e dar significado a sua existência, fazendo a sua essência de acordo com suas ações e escolhas, porém esse racismo que está arraigado em nossa cultura, faz com que ele precise ser aprovado ou reconhecido pelos homens brancos para que então tenha a sua existência declarada.

A vida nos determina ao mesmo tempo que a construímos, sendo os homens agentes históricos e pacientes da existência simultaneamente. A história só existe com a humanidade,

[28] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

com agentes que as fazem, sendo que esses sujeitos estão em constante tensão com o contexto histórico. Essa relação dialética podemos chamar de experiência humana: “O contexto histórico não anula a singularidade dos indivíduos, pois cada um vive subjetivamente essas condições através das histórias pessoais que exprime, cada um à sua maneira, uma história que é de todos”.[29]

A liberdade dos homens se entrecruza, podendo se fundir ou se chocar, havendo aí o conflito. Segundo Leopoldo e Silva, a realidade humana é um projeto de experiências possíveis, podendo dar certo ou não. Dessas experiências são os conceitos de superação ou aceitação. Superar é ir além; aceitar é se conformar. Fazendo uma conexão entre racismo e liberdade, entendemos que cabe aos homens e mulheres negras escolher entre superar ou aceitar aquilo que lhes é socialmente imposto.

O drama humano está nos paradoxos da liberdade existencial, e escolher é uma das tarefas mais fundamentais, porém difícil. O homem acaba por criar problemas para si e para os outros, como o racismo, por exemplo. Silva destaca durante a palestra que “O mundo desumano é obra humana e o mundo em que as pessoas são escravas é um mundo que foi instituído livremente pelos homens”.

A angústia e a má-fé fazem parte do processo, mas é importante que nesse trabalho de construção subjetiva e do mundo, sejamos pessoas que possamos escolher para mudar a nossa vida para melhor. Na angústia vemos aquele sentimento que que nada se pode fazer com uma existência que nos foi dada e que, para os negros, vêm carregada por um peso de ter que estar sempre provando algo, superando barreiras e mostrando que é capaz. A existência do negro já começa com uma dívida, mesmo que ele não deva nada; é como se numa corrida ele largasse em quinta posição e tivesse o mesmo tempo para chegar junto com os outros competidores brancos. A angústia está dentro de cada homens negros e mulheres negras que compreendem que seu esforço terá de ser muito maior somente pelo fato de ter nascido com a pele negra; foram marcados pela existência e isso é tudo.

A má-fé se mostra no momento em que o negro nega o seu sofrimento para não sofrer ainda mais, não aceitar para os outros ou até para si mesmo que há um abismo entre ele e o mundo branco. Ele precisa demonstrar que está tudo bem, mas será que está mesmo? Será que aquele inspetor que falou que nunca sofreu racismo nunca sofreu mesmo ou nega pra si esse fato para não ter que aceitar esse fardo? Carregar a negritude é um peso que alguns negros não aceitam carregar e, por isso, negam sua realidade, mas nem por isso deixam de viver sua existência de pessoa negra. Ressignificar faz parte, ter um outro olhar também, não se deixar afetar é importante para ficar bem, mas até que ponto isso é possível na prática? Negar o racismo não faz com que ele desapareça, falar sobre ele sim.

---

[29] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

Sabemos que o racismo existe e não irá acabar tão cedo, mas cabe a nós, agentes do nosso tempo, mudarmos as perspectivas para o futuro, agindo no presente. O hoje, a existência, o humanismo, assim como a liberdade tudo é ação.

> A atualidade de Sartre consiste, exatamente, em mostrar que a nossa identidade não significa a construção e a fixação de uma imagem de nós mesmos, mas deveria consistir em assumirmos o livre compromisso de uma identificação muito lúcida e muito crítica com a história que nos é dado viver.[30]

Deixar ser construído é um ato de covardia, pois estamos aqui para desempenhar o nosso papel de protagonista, mesmo sabendo que, às vezes, seremos coadjuvantes, ou até mesmo figurantes. Na vida real, assim como nas novelas ou peças de teatro, poucos papeis principais relevantes são dados a atores negros e atrizes negras. Em sua grande maioria, esses atores são relegados a papeis menores, de coadjuvantes como, por exemplo, empregadas domésticas, babás, garçons, cozinheiras, escravas, garotas de programa, bandidos, etc. Isso, aos poucos, está sendo revertido, mas o número de atores e atrizes negras que conseguem ser protagonistas ainda é infinitamente menor do que de atores e atrizes brancos. Será que esses homens e mulheres tiveram liberdade de escolha? Se todo ser humano é livre para escolher, por que eles não podem escolher ser protagonistas? São negros!

[30] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.

3 - Filosofia e racismo em Sartre

Para o filósofo, dentre várias formas de expressar a arte, a escrita é a forma na qual o autor mais se aproxima do leitor, pois ele consegue exprimir os sentimentos, descrever lugares, cenários, reações dos personagens e, ao mesmo tempo, aguçar o desejo do leitor que será guiado para caminhos nos quais este consiga perceber e sentir tudo aquilo que se passa dentro da trama escrita.

Entretanto, mesmo o autor sendo meticulosamente explicativo e descrevendo as cenas com o máximo rigor, ainda cabe ao leitor a sua liberdade de interpretação, de ver algo diferenciado, subjetivo[31]. Sartre destaca que a arte, enquanto pintura ou escultura, tenta demonstrar os sentimentos do autor nas obras, mas este nem sempre consegue expressar tudo o que estava sentindo no momento da criação, porém a literatura conduz o leitor por vários caminhos que mais se aproximam do que foi pensado pelo autor.

Assim como Platão, que entendia que toda arte seria uma imitação (*mímese*), uma vez que ele acreditava que a grande obra estaria somente no campo das ideias[32], Sartre também entendia que as obras de arte desenhadas ou esculpidas deixavam a desejar quando a ideia era passar o sentimento do autor. Para ele, a literatura ia além, pois deixa o leitor livre para compreender o destino dos personagens e cenas criadas[33]. Quando descrevemos um cenário de praia, com um belo dia de sol, crianças correndo, brincando e pessoas aproveitando o dia, cada leitor montará uma imagem mental diferenciada e única, mesmo partindo de uma mesma descrição. Para Sartre, essa liberdade de entendimento estaria mais presente nos livros ou obras escritas. Além disso, Sartre escreveu peças teatrais e romances, em que se faz notório os seus ideais de existencialismo e liberdade.

Neste tópico, faremos a correlação entre a literatura, filosofia e o racismo, mostrando em quais pontos podemos destacar a importância do pensamento sartreano. Este capítulo também será introdutório para a explicação sobre a nossa escolha de produzir uma novela filosófica para abordar e debater o racismo.

Para fecharmos o capítulo, vamos analisar o racismo pela visão do autor. Mesmo não sendo um ferrenho combatente do racismo antinegro, Sartre abordou o tema na obra *Reflexões sobre o racismo* (1960). Nela o autor discorre sobre o preconceito racial, tanto para os judeus, que era o caso de Sartre, quanto para os negros.

---

[31] Ibid.,pág. 12
[32] PENSADORES, OS. Platão. São Paulo: Editora Nova Cultural, Coleção Os pensadores, 1999, pág. 21-23.
[33] Ibid., pág. 13

3.1 – A literatura para Sartre

Como dissemos nos parágrafos anteriores, já que vamos produzir uma novela filosófica, que é uma produção literária, daremos início a este tópico com uma breve análise da literatura de Sartre.

Um dos traços mais marcantes do filósofo era a sua imaginação criativa, o gosto pela leitura e pela escrita desde a infância:

> (...) por ter descoberto o mundo através da linguagem, tomei durante muito tempo a linguagem do mundo. Existir era possuir uma marca registrada, alguma porta nas tábuas infinitas do Verbo; escrever era gravar nela seres novos —, colher as coisas vivas nas armadilhas das frases (…).[34]

Em 1972, durante uma entrevista para o documentário intitulado “Sartre por ele mesmo”[35], o filósofo falou sobre sua relação neurótica com a leitura e a escrita. Para ele, o autor somente seria reconhecido pelo legado de suas obras, e assim, ele fez da sua vida, dos 9 aos 50 anos, uma produção literária intensa. Sartre considerava que nada era mais belo e superior do que escrever.

Sartre destaca que tinha a literatura como sua grande paixão: os livros eram cheios de imprevistos, de possibilidades e variedades infinitas. A leitura abriu portas para o fantástico mundo desconhecido e tudo isso só foi possível graças às palavras. De acordo com o filósofo, as palavras são usadas de formas diferentes pelos poetas e prosadores: o primeiro considera as palavras como coisas e não como signos, tirando delas a sua utilidade — o poeta estaria aquém das palavras; já o prosador lida com significados de forma que ele possa olhar de vários ângulos, ir e voltar olhando a realidade do signo, estando além das palavras. Segundo ele “a poesia não *serve* de palavras; eu diria antes que ela as serve. Os poetas são homens que se recusam a *utilizar* a linguagem” (SARTRE, 2004, pág. 13). Dessa forma, o prosador é aquele que se utiliza das palavras deixando-as ser livres para a subjetividade do leitor.

As prosas não são fechadas, mas se apresentam em construção constante, pois cada pessoa terá um entendimento e uma percepção distinta de um mesmo texto, tornando a escrita mais desafiadora tanto para o autor quanto para o seu leitor.

Para Sartre, a palavra tira o prosador da sua segurança e o atira para o desconhecido; este expõe sentimentos e os explica se servindo das palavras sem precisar falar nada.

---

[34] PENSADORES, OS. Sartre. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1984, pág. 9.

[35] Trecho retirado do documentário “Sartre por ele mesmo” (1972). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5_TKeD2nk54. Acesso em 09 de jun. 2019.

> (...) as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam ou desagradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa do mundo ou determinada noção. Assim, acontece com frequência que nos encontremos de posse de determinada ideia que nos foi comunicada por palavras, sem que nós possamos lembrar de uma só das palavras que a transmitiram. A prosa é antes de mais nada atitude de espírito (…). (SARTRE, 2004, pág. 18).

Sendo assim, a linguagem é uma espécie de prolongamento dos sentidos, algo que fala sem dizer, que fica implícito e é sentido de forma espontânea; acontece com o intuito de comunicar. A comunicação poderá acontecer através da fala ou da escrita. Quando alguém fala, se mostra automaticamente, pois falar é agir; o falante não passa despercebido. Já a escrita vai sendo percebida conforme sua leitura e seu entendimento, palavra por palavra, frase por frase, através de um processo que Sartre denominou desvendamento (SARTRE, 2004, pág. 20).

O escritor é responsável por nomear, dar rumo, destinos aos personagens e suas histórias. Através dele surge o amor, o ódio, a ira, o medo, a angústia, pessoas casam, separam, morrem; ele é o detentor do por vir e responsável pela trama.

> (...) podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. Ninguém pode alegar ignorância da lei, pois existe com código e a lei é coisa escrita: a partir daí, você é livre para infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. E uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair; deixemos as palavras se organizarem em liberdade, e elas formarão frases, e cada frase contém a linguagem toda e remete a todo o universo; o próprio silêncio se define em relação às palavras, assim como a pausa, em música, ganha o seu sentido a partir dos grupos de notas que a circundam. Esse silêncio é um momento da linguagem; calar-se não é ficar mudo, é recusar-se a falar — logo, ainda é falar. Portanto, se um escritor decidiu calar-se diante de determinado aspecto do mundo, ou, como diz uma locução corrente, particularmente expressiva, decidiu *deixar passar em silêncio*, é legítimo propor-lhe uma terceira questão: por que você falou disso e não daquilo, e já você fala para mudar, por que deseja mudar isso e não aquilo? (SARTRE, 2004, pág. 22).

Essa liberdade criadora do escritor faz com que haja um encantamento que não se vê, mas se lê. O leitor vai sendo envolvido a cada palavra, cada frase, parágrafos e capítulos. O inusitado pode acontecer a qualquer momento e o leitor estará ávido pelo desfecho da obra. A beleza é criada pelos olhos, não de quem vê, mas de quem lê, e isso é o grande diferencial da obra literária, pois o que é belo pra um pode não ser para outro. Quando o autor fala numa bela mulher negra, com olhos negros como a noite estrelada, com sua pele aveludada na qual se assemelha a uma pele macia e aconchegante. Ao ler essa descrição, cada leitor imaginou a sua personagem e nunca uma será igual a outra; essa é a beleza da literatura e que desperta

paixões nos leitores: ter várias interpretações em um único texto.

> Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como tarefa à generosidade do leitor. É recorrer à consciência de outrem para se fazer reconhecer como *essencial* à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por pessoas interpostas; mas como, de outro lado, o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo, o universo do romancista careceria de espessura se não fosse descoberto num movimento para transcendê-lo. (SARTRE, 2004, pág. 49).

Sartre viveu num mundo paralelo, desde a sua infância, onde a literatura era a sua segunda casa. A leitura e a escrita acabaram por se tornar uma neurose em sua vida, mas essas foram suas escolhas; a formação da sua essência e a sua existência foram obras da literatura.

> Durante muito tempo tomei minha pena por uma espada: agora, conheço a minha impotência. Não importa: faço e farei livros; não necessários; sempre servem, apesar de tudo. A cultura não salva nada nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem: ele se projeta, se reconhece nela; só este espelho crítico lhe oferece a própria imagem. De resto, este velho edifício ruinoso, minha impostura é também meu caráter: a gente se desfaz de uma neurose, mas não se cura de si próprio. Gastos, obliterados, humilhados, encantoados, passados em silêncio, todos os traços da criança remanesceram no quinquagenário. (SARTRE, 2018, pág. 145).

Para Sartre, escrever é dar asas à imaginação, é deixar fluir o pensamento que escorre através das mãos e se derrama no papel através dos dedos. A escrita faz com que a mente entre em ação e que transforme simples palavras em frases que poderão mudar muitas vidas.

3.2 – A filosofia para Sartre

Sartre foi um dos filósofos mais importantes do século XX, mas o que ele pensava sobre a filosofia? Na abertura do livro *Questões de Método* (1960), Sartre esclarece seu entendimento sobre a filosofia:

> A Filosofia aparece a alguns como meio homogêneo: os pensamentos nascem nele, morrem nele, os sistemas nele se edificam para nele desmoronar. Outros consideram-na como certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Outros ainda, como um setor determinado da cultura. A nosso ver, a Filosofia *não existe*; sob qualquer forma que a consideremos, essa sombra da ciência, essa eminência parda da humanidade não passa de uma abstração hipostasiada. De fato o que há são filosofias. Ou melhor — pois não encontrareis nunca, em um momento dado, mais do que uma que seja viva —, em certas circunstâncias bem

> definidas, uma filosofia se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade; e, enquanto vive, é ela que serve de meio cultural aos contemporâneos.[36]

Destacamos a expressão utilizada por Sartre: abstração hipostasiada, que significa tornar algo uma substância ou fazer de algo falsamente uma substância.[37] Dessa forma, o filósofo demonstra que a Filosofia é algo que as pessoas precisam definir, mas que não há uma definição cabível, uma vez que ela não é uma, mas várias[38], sendo elas um reflexo da sociedade viva.

O filósofo seria o responsável pela unificação de todos os conhecimentos, orientando-se de acordo com o que é disposto pela sociedade, destacando aqui que todo homem é fruto do seu tempo e age de acordo com a sociedade na qual está inserido, sendo a crítica fundamental para a desconstrução e reconstrução dos saberes.

Para Sartre, uma filosofia nunca é inerte, pois é fruto do movimento social.[39] É um eterno método de investigação, construção e desconstrução; contemplativa, crítica do passado e do presente, mas esperançosa diante do futuro, em busca de novos paradigmas para serem desmantelados e realinhados.

A filosofia também serve de arma social e política, questionando valores e posicionamentos sociais vigentes, repensando na forma de agir dentro da sociedade: “Mas ela se transforma, perde sua singularidade, despoja-se de seu conteúdo original e datado, na medida mesma em que impregna pouco a pouco as massas, para tornar-se nelas, e por elas, um instrumento coletivo de emancipação”.[40] Pelo fato de ser crítica, a filosofia é capaz de abrir a mente das pessoas para o pensar racional e propiciar a busca ao desconhecido libertador.

> Se a filosofia deve ser, ao mesmo tempo, totalização do saber, método, ideia reguladora, arma ofensiva e comunidade de linguagem; se esta “visão do mundo” é também um instrumento que trabalha as sociedades carcomidas, se esta concepção singular de um homem ou de um grupo de homens torna-se a cultura e, por vezes, a natureza de toda uma classe, fica bem claro que as épocas de criação filosóficas são bem raras. Entre os séculos XVII e o século XX, vejo três que designarei por nomes célebres: há o “momento” de Descartes e de Locke, o de Kant e de Hegel e, finalmente, o de Marx. Estas três filosofias tornam-se, cada uma por sua vez, o humo de todo pensamento particular e o horizonte de toda a cultura, elas são insuperáveis enquanto o momento histórico de que são expressão não tiverem sido superados.[41]

---

[36] PENSADORES, OS. Sartre. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1984, pág. 113.
[37] Significado de Hipostasiada. Disponível em https://www.dicionarioinformal.com.br/hipostasiada/. Acesso em 13 de jul. 2019.
[38] Ibid., pág. 113.
[39] Ibid., pág. 113.
[40] Ibid., pág. 114.
[41] Ibid., pág. 114.

Segundo Sartre, só será considerado um filósofo aquele que modificar drasticamente a forma de pensar e agir da sociedade. Quanto àqueles que trabalham suas pesquisas em cima do que um filósofo constatou, mas não mostram outro caminho de fato, esses deverão ser chamados ideólogos e não filósofos, pois são *homens relativos*. Mas o que significa ser um homem relativo? Ser relativo, de acordo com o dicionário Michaelis[42], é fazer referência à algo ou alguém; exprimir relação. Dessa forma, relativo é aquele que não é de fato, mas faz ligação, dá continuidade; contrastando o que, para Sartre, deveria ser a função de um filósofo: fazer diferente, repensar, desconstruir e propor novas perspectivas.

Sartre desempenhou bem aquilo que ele propunha e se tornou um dos filósofos mais importante do século XX, compartilhando suas ideias de existencialismo e liberdade.

> Como nos libera da coerção da natureza humana predeterminada, a filosofia de Sartre é também uma filosofia da liberdade. Somos livres para escolher como dar forma a nós mesmos, embora tenhamos que aceitar algumas limitações. Nenhuma vontade de que cresçam asas em mim, por exemplo, fará isso acontecer. Mas, mesmo dentro do âmbito das escolhas realistas, com frequência descobrimos que, quando coagidos, tomamos decisões simplesmente baseadas no hábito ou na visão habitual que temos de nós mesmos.[43]

As ideias de Sartre, de que somos livre para fazer nossas escolhas e formar a nossa essência, influenciou jovens estudantes parisienses a protestar, em maio de 1968, contra o autoritarismo nas universidades e que ajudou a derrubar o governo conservador, permitindo a instauração de uma onda mais liberal em toda a França[44]. Além disso, a corrente existencialista, seguida por Sartre, também agradava os jovens, pois foi vista por muitos, como uma resposta ao modelo autoritário vigente na época. Como exposto no capítulo 1, o existencialismo era uma das muitas resposta a uma crise generalizada do pós-guerra. Os jovens estavam desanimados e desacreditados, buscando caminhos para transgredir o modelo socialmente imposto no país europeu.

O engajamento político foi um dos pontos de destaque na vida do filósofo francês. Sartre apoiou e se filiou ao Partido Comunista Francês, participou ativamente da causa do proletariado, fez duras críticas ao governo francês, devido à intervenção na Argélia, entre outras coisas. Sartre também influenciou às obras da companheira Simone de Beauvoir (1908-1986), conhecida filósofa francesa existencialista, do século XX, que tinha como marca registrada a luta pelos direitos da mulher: “A representação do mundo é obra dos homens; eles o descrevem a partir de seu próprio ponto de vista”.[45]

---

[42] Relativo. Disponível em http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=relativo. Acesso em 14 de jul. 2019.
[43] O Livro da Filosofia. Tradução Douglas Kim. – São Paulo: Globo, 2011, pág. 271.
[44] Ibid., pág. 271.
[45] O Livro da Filosofia. Tradução Douglas Kim. – São Paulo: Globo, 2011, pág. 277.

Sartre nunca deixou de se manifestar em causas que ele acreditava, mas sendo ele um intelectual muito crítico, não tinha problemas em mudar de opinião sobre determinadas situações e fazia duras críticas quando necessário fosse. Um exemplo foi que ele se filiou ao Partido Comunista, porém saiu ao perceber que os projetos políticos do partido não estavam de acordo com seus ideais. Assim também aconteceu quando ele criticou o Marxismo ortodoxo, frente a causa do proletariado. Segundo Leopoldo e Silva, Sartre nunca deixou de se engajar em questões políticas, econômicas e sociais por acreditar que isso seria a "forma mais humana de ser filósofo, escritor e intelectual".[46]

Para Sartre, a existência seria o encontro do homem entre o que ele é com o que ele não é, seria uma eterna busca de algo que não se tem. De acordo com Leopoldo e Silva, queremos uma essência, algo nos dado de forma definitiva, pois ser livre para escolher e decidir, torna a vida mais difícil: "Toda realidade humana está na existência, mas há algo em nós que nos impede de nos contentarmos com isso".[47] O ser humano acaba por criar uma sensação de incompletude eterna, pois está sempre em busca de algo que não tem.

Sartre destacou em sua autobiografia o desejo de se tornar importante, de ser lembrado por gerações seguintes a sua, mas isso só seria possível, imortalizando suas obras.

Isso se confirma quando na obra *A Náusea* ele cita uma cantora que gravou um disco: sua obra seria para sempre.

> Uma mulher de carne teve essa voz, cantou diante de um disco, com sua roupa mais bonita, e gravaram a sua voz. A mulher: ora! Ela existia como eu, como Rollebon, não desejo conhecê-la. Mas há isso. Não se pode dizer que isso existe. O disco que gira existe, o ar atingido pela voz que vibra existe, a voz que se imprimiu no disco existiu. Eu, que escuto, existo. Tudo está cheio, existência por todo lado, densa e pesada e suave. (SARTRE, 2016, pág. 140).

Sartre continua a falar sobre a existência eternizada através da arte daquela cantora negra:

> *Ela* não existe. É até irritante; se me levantasse, se arrancasse esse disco do prato que o sustenta e o quebrasse em dois, *ela* não seria atingida por mim. Ela está para além — sempre para além de alguma coisa, de uma voz, de uma nota de violino. Revela-se, delgada e firme, através de espessuras e espessuras de existência e, quando queremos captá-la, encontramos apenas entes, esbarramos em entes desprovidos de sentido. Ela está por trás deles: sequer a ouço, ouço sons, vibrações do ar que a revelam. Ela não existe, posto que nela nada é demais: é todo o resto que é demais em relação a ela. Ela *é*. (SARTRE, 2016, pág. 232).

---

[46] Sartre e o Existencialismo. Palestra ministrada por Franklin Leopoldo e Silva. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=4717s. Acesso em 04 de Ago. 2019.
[47] Ibid.

O filósofo explica, então, que seu personagem gostaria de ser como ela e se eternizar através de uma obra literária:

> E também eu quis ser. Aliás, só quis isso; a chave de minha vida: fundo de todas essas tentativas que parecem desvinculadas, encontro o mesmo desejo: expulsar a existência para fora de mim, esvaziar os instantes de sua gordura, torcê-los, secá-los, me purificar, endurecer, para produzir finalmente o som claro e preciso de uma nota de saxofone. Isso poderia até constituir uma apólogo: era uma vez um pobre sujeito que enganou o mundo. Existia, como as outras pessoas, no mundo dos jardins públicos, dos bistrôs, das cidades comerciais, e queria se persuadir de que vivia alhures, atrás da tela dos quadros, com os doges de Tintoretto, com os dignos florentinos de Gozzoli, atrás das páginas dos livros, com Fabrice del Dongo e Julien Sorel, atrás dos discos de gramofone, com os lamentos longos e secos do jazz. E depois, após ter se comportado muito tempo como um imbecil, compreendeu, abriu os olhos e viu que havia um mal-entendido: ele estava num bistrô, exatamente, diante de um copo de cerveja morna. Ficou prostrado no banco; pensou: sou um imbecil. E nesse exato momento, do outro lado da existência, nesse outro mundo que se pode ver de longe, mas sem nunca se aproximar dele, uma pequena melodia começou a dançar, a cantar: “É preciso ser como eu; é preciso sofrer em compasso”. (SARTRE, 2016, pág. 233).

Sartre, através de suas obras, expressava seus sentimentos. Em sua autobiografia, ficou nítido, que Sartre falava de sua vida através do seu personagem Roquentin, demonstrando o quanto a literatura fazia parte de sua vida, pois, para ele, a arte e a existência se fundiam a todo momento; durante toda sua vida.

> Consegui aos trinta anos dar este belo golpe: o de escrever em *A náusea* — muito sinceramente, podem crer — a existência injustificada, salobra, de meus congêneres e colocar a minha fora de causa. *Eu era* Roquentin; eu mostrava nele, sem complacência, a trama da minha vida; ao mesmo tempo eu era *eu*, o eleito, analista dos infernos, fotomicroscópio de vidro debruçado sobre minhas próprias soluções protoplásmicas. (SARTRE, 2018, pág. 144).

A filosofia de Sartre era a sua própria vida: viver, escolher, agir e modificar o mundo com suas ideias críticas. Ele foi um homem engajado e que promoveu mudanças significativas na sociedade em que viveu, mas também em todos aqueles que tiveram acesso, assim como nós, aos seus estudos e obras.

Dessa forma, Sartre foi muito mais do que um intelectual e escritor do seu tempo: ele é um filósofo que deixou marcas com a sua existência, promovendo a transformação, criticando, pensando e tornando-se um dos filósofos mais importantes do século XX e, assim como no disco, citado acima: ele não existe, ele é.

3.3 – Sartre e o racismo

> (...) os negros não se encontram senão no terreno cheio de armadilhas que o branco lhes preparou: entre os colonizados, o colono se arrumou de modo a ser o eterno mediador; está presente, sempre presente, mesmo quando está ausente, até nos conciliábulos mais secretos. (SARTRE, 1960, pág. 117).

Nos capítulos anteriores, dissertamos sobre o engajamento de Sartre em diversas áreas da sociedade e, dentre elas, na parte política e social da França. O filósofo se desfiliou do Partido Comunista Francês, após as intervenções na Argélia. A colonização da Argélia aconteceu no século XIX, aproximadamente em 1830, com o objetivo de encontrar terras férteis disponíveis na África. O processo de desapropriação dos nativos impôs uma diferenciação entre argelinos e franceses; preconceito. Com o passar dos anos, essa população colonizada, que já tinha acesso à cultura nos moldes europeus, organizou um discurso político contrário à presença francesa em território argelino. A descolonização da Argélia foi um processo longo e com muitas batalhas sangrentas, principalmente entre 1954 e 1955. Somente em 1962, a Argélia se tornou independente da França.

Tanto Sartre quanto Fanon fizeram duras críticas ao processo de colonização argelino, porém, com olhares distintos: Sartre, branco europeu, e Fanon, negro da Martinica. Sartre prefaciou o livro de Fanon *Os Condenados da Terra* (1965), demonstrando sua crítica ao processo colonizador francês na Argélia:

> Não faz mal que as velhas «metrópoles» intervenham, comprometam todas as suas forças numa batalha de antemão perdida. Essa velha brutalidade colonial que fez a duvidosa glória dos Bugeaud voltamos a encontrá-la, no fim da aventura, decuplicada mas insuficiente. Envia o exército para a Argélia e ali se mantém durante sete anos sem resultado. A violência mudou de sentido; vitoriosos, exercíamo-la sem que nada nos alterasse: decompunha aos outros e a nós, os homens, o nosso humanismo permanecia intacto; unidos pela ganância, os metropolitanos batizam de fraternidade e amor a comunidade dos seus crimes; atualmente, bloqueada por todos os lados, volta sobre nós através do nossos soldados, interioriza-se e domina-nos. A involução começa: o colonizado reintegra-se e nós, ultras e liberais, colonos e «metropolitanos», desintegramo-nos. Já a raiva e o medo estão nus: mostram-se a descoberto nas ratonnades de Argel. Onde estão agora os selvagens? Onde está a barbárie? Não falta nada, nem mesmo o tam-tam: os claxons cadenciam «Argélia Francesa», enquanto os europeus queimam vivos os muçulmanos. (FANON, 1965, pág, 14).

Mas, como dito acima, Sartre, um francês de pele branca, mas aproveitou a oportunidade para chamar a atenção de outros europeus brancos para o problema do qual todos, querendo ou não, estavam envolvidos: o racismo.

> Nesse caso, dirão, atiremos este livro pela janela. Para que o havemos de

> ler, se não está escrito para nós? Por dois motivos: o primeiro, porque Fanon explica aos seus irmãos como somos e mostra-lhes o mecanismo das nossas alienações. Aproveitem, pois, para revelar a si mesmos a vossa verdade de objetos. Nossas vítimas conhecem-nos pelas suas feridas e pelas algemas: isso torna o seu testemunho irrefutável. Basta que nos mostrem o que temos feito delas para que nos conheçamos a nós próprios. Será útil? Sim, porque a Europa está em perigo de morte. Mas, dirão, nós vivemos na metrópole e reprovamos todos os excessos. Não são colonos, é verdade, mas não valem mais do que eles. São os vossos pioneiros, enviados para as regiões do ultramar, que vos fizeram enriquecer; claro, foram prevenidos: e fizessem correr muito sangue, seriam desautorizados contra vontade. Do mesmo modo, um estado — qualquer que seja — mantém no estrangeiro uma turba de agitadores, de provocadores e de espiões e desautoriza-os quando os surpreende em falta. Vocês, tão liberais, tão humanos, que levam ao preciosismo o amor pela cultura, parecem esquecer que têm colônias e que nelas se mata em vosso nome. (FANON, 1965, pág. 8).

Mesmo com muitas diferenças étnicas, ambos eram representantes ferrenhos da luta pelo anticolonialismo e faziam duras críticas às alienações geradas pelo processo de colonização, que promoveram a violência, subordinação, inferiorização e desumanização dos colonizados africanos.[48]

O engajamento de Sartre pelo racismo, tanto antissemita quanto antinegro, fica expresso também em uma de suas obras *A Náusea*. Nela Sartre faz uma analogia entre um judeu compositor e uma negra cantora de jazz.

> Penso naquele sujeito lá longe que compôs essa melodia, num dia de julho, no **calor negro**[49] do seu quarto. Tento pensar nele através da melodia, através dos **sons brancos**[50] e acidulados de um saxofone. Ele fez isso.
>
> Ela canta. Eis os dois que se salvaram: o judeu e a negra. Salvos. Talvez se tenham julgado perdidos de todo, afogados na existência. No entanto, ninguém poderiam pensar em mim como penso neles, com doçura. (SARTRE, 2016, pág. 235).

Destacamos dois trechos da obra de Sartre: calor negro e sons brancos. Estes destaques servem como balizadores da crítica ao racismo feita sutilmente por ele. O calor, que é ruim, é descrito como negro; mas os sons são brancos e agradáveis. Esse racismo está enraizado nas pessoas fazendo com que sejam naturalizados esses sentimentos de inferioridade ao negro e superioridade ao branco. Possivelmente, muitas pessoas já leram esse trecho da obra, mas poucas devem ter se dado conta dessa subjetividade sartreana ao pontuar o racismo de forma muito distinta.

Em outra obra, *Reflexões sobre o Racismo*, o filósofo faz dois textos: o primeiro

---

[48] ARANTES, Marco Antônio. Sartre e o Humanismo Racista Europeu: uma leitura sartreana de Frantz Fanon. Revista Sociologias – Porto Alegre, ano13, nº 27, mai./ago. 2011, pág. 382-409. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n27/a14v13n27.pdf. Acesso em 26 de ago. 2019.
[49] Grifos para destacar o significado das frases, seu antagonismo.
[50] Idem.

intitulado *Reflexões sobre a questão judaica*, que fala sobre o racismo contra os judeus; o outro, o *Orfeu Negro*, sobre os negros africanos.

Para Sartre o judeu e o negro eram dois bastardos sagrados, que eram discriminados por serem considerados um perigo à sociedade.

> Um deles, o judeu, é um bastardo amaldiçoado e por isso mesmo sagrado, já que necessário em momentos de crise à sociedade hierarquizada que o forjou. Amaldiçoado porque indiciado matador de Cristo-Deus, duplamente amaldiçoado pela Idade Média que lhe impôs a pecaminosa, mas indispensável atividade de "comércio de dinheiro", a imagem que dele subsiste em nós é a do avarento, do homem que vive à parte; nós, que tornamos agiota e estrangeiro em nossa pátria.
>
> O outro bastardo, o negro, vítima do colonialismo, tem que viver sob o signo da autenticidade. Um judeu, branco entre os brancos, pode negar-se judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro jamais poderá negar a sua cor, signo indelével de sua situação. Não tem subterfúgio possível, sua luta pela liberdade será forçosamente a oposição da sua raça à do opressor, a descoberta de sua negritude, a violação da lógica e da língua que o colonizador lhe impôs. (SARTRE, 1960, orelha).

O negro está marcado desde o seu nascimento e não pode negar a sua cor, sua origem. Isso faz com que o fardo que o negro carrega seja maior e mais pesado.

> À absurda agitação utilitária do branco, o negro opõe a autenticidade recolhida se seu sofrimento; por ter desfrutado o horrível privilégio de tocar no fundo da desgraça, a raça negra é uma raça eleita. E, ainda que estes poemas sejam de ponta a ponta anticristãos, poder-se-ia, sob este ângulo, chamar a negritude uma paixão: o negro consciente de si representa-se a seus próprios olhos como o homem que assumiu toda a dor humana e sofre por todos, mesmo pelos brancos. (SARTRE, 1960, pág. 137).

A luta do negro por aceitação é constante. Ser negro é ter que se reafirmar como homem entre os homens. Somente existir como homem negro não basta para a sociedade racista, pois ser negro é ser inferior. O colonialismo desumanizou e inferiorizou os negros de forma profunda, fazendo com que houvesse a perda de sua identidade e valor próprio. O racismo desumanizou esses homens e mulheres, colocando-os em um lugar no qual é difícil sair, tendo em vista que a autoestima foi duramente afetada.

> O revolucionário negro é negação porque ele se quer ser puro desnudamento: para construir sua verdade, deve arruinar primeiro a dos outros. Os semblantes negros, estas manchas de noite que obsidiam nossos dias, encarnam o obscuro trabalho na Negatividade que rói pacientemente os conceitos. Assim, por retorno que lembra curiosamente o do negro humilhado, insultado, quando ele se reivindica como "negro imundo", é o aspecto privativo das trevas que funda o seu valor. (SARTRE, 1960, pág. 123).

O caminho para o negro seria buscar a sua própria identidade, morrendo para a cultura

branca e renascendo com a sua própria cultura.

> A negritude, como a liberdade, é ponto inicial e termo final: trata-se de passa-la no imediato ao mediato, de tematizá-la. Portanto, no tocante ao negro trata-se de morrer para a cultura branca a fim de nascer para a alma negra, assim como o filósofo platônico morre para o seu corpo com fito de renascer para a verdade. SARTRE, 1960, pág. 123.

Esse negro que deve renascer é o negro altivo, com atitude e determinação para mudar tudo aquilo que lhe foi imposto sem o seu consentimento. O processo de reconstrução da identidade negra começa no momento em que ele se enxerga como ser existente no mundo e digno de respeito e equidade. Essa visão pode parecer um pouco ingênua, porém estou falando como uma pessoa não negra e privilegiada. Existe um abismo muito grande para quem não é negro falar sobre um tema tão profundo, mas é importante falarmos, mesmo que sem experiência, contudo, de acordo com tudo que já apresentamos sobre o existencialismo de Sartre, esse homem negro nasce para formar a sua essência e é livre para fazê-lo, então que ele reivindique seu melhor.

> (...) a raça transmutou-se em historicidade, o presente negro explode e se temporaliza, a negritude com o seu passado e seu porvir na História Universal, não é mais um estado nem sequer uma atitude existencial, é um devir; a contribuição do negro na evolução humana, já não é um sabor, um gosto, um ritmo, uma autenticidade, um ramalhete de instintos primitivos: é uma empresa datada, uma paciente construção, um futuro. É em nome das qualidades étnicas que o negro, há pouco, reivindicava seu lugar ao sol; presentemente, é em sua missão que ele baseia seu direito à vida; e esta missão, como a do proletariado, lhe vem de sua situação histórica; por ter sofrido, mais do que qualquer outro, a exploração capitalista, adquiriu, mais do que todos os outros, o sentido da revolta e o amor à liberdade. E, por ser mais oprimido, persegue necessariamente a libertação de todos, quando trabalha a sua própria libertação. (SARTRE, 1960, pág. 143).

O negro luta por ele e por todos aqueles que estão junto com ele na sua existência. A busca pela liberdade é uma atividade diária. O negro precisa fazer o dobro ou mais de esforços para conseguir tornar-se, fazer-se, mostrar-se, ser visto, mas principalmente reconhecido homem.

> A negritude é um reflexo de ser e de dever-ser; ela nos constitui e nós a constituímos: juramento e paixão, ao mesmo tempo. Mas há algo mais grave: o negro, afirmamos, cria para si um racismo antirracista. Não aspira de modo algum a dominar o mundo: quer a abolição dos privilégios étnicos, venha de onde vierem; afirma sua solidariedade com os oprimidos de todas as cores. RR, 1960, pág. 145.

O devir do homem negro é uma luta constante de autoafirmação. Sua existência o fez livre, porém ele ainda sofre com os reflexos do processo colonial. Há uma dominação branca

sobre o negro, porém uma interdependência entre eles, pois não há dominador sem o dominado, vencedor sem vencido.

> É talvez esta nudez última do homem despojando-se dos ouropéis brancos que mascaravam sua couraça negra para, em seguida, desfazer a repelir a própria couraça; é talvez esta nudez sem cor que melhor simboliza a negritude; pois a negritude não é um estado, mas é puro ultrapassamento de si mesma, amor. No momento em que renuncia a si própria é que ela se encontra; no momento em que aceita perder é que ela vence: ao homem de cor, e somente a ele, é possível pedir que renuncie ao orgulho de sua cor. SARTRE, 1960, pág. 147.

Sartre, mesmo sendo branco, assim como eu, buscou de diversas formas combater o racismo em suas várias formas. É fato que ele não compreendeu, segundo Fanon, a questão do racismo na sua integralidade, mas isso se torna bem mais complicado para aqueles que não sofreram na pele o preconceito e a discriminação racial. Porém, fechamos este capítulo com a mensagem que é possível lutarmos juntos para que se combata o racismo e se construa, mesmo que aos poucos, um mundo melhor para as próximas gerações.

Nosso trabalho será árduo, mas vamos lembrar aqui que estamos construindo a nossa existência e impactando na existência de toda a humanidade, sendo assim, que façamos o nosso melhor para tentarmos, através da filosofia, observar, analisar, criticar, problematizar, modificar e ressignificar essas questões que tanto impactam a vida das pessoas negras.

A sociedade é um mosaico de pessoas de diversas nacionalidades, cores, gêneros, gostos, etc. A diversidade faz parte da nossa cultura, principalmente no Brasil e, por isso, é tão importante debatermos o racismo e colocarmos os nossos alunos para repensar o preconceito racial antinegro.

4 – Método de construção: o passo a passo da novela filosófica

Neste último capítulo, iremos descrever o que são as novelas filosóficas, sua criação, apresentação e aplicação em sala de aula. Sendo Sartre um amante da literatura, escolhemos as novelas filosóficas com o intuito de trazer um material relevante, que poderá ser aplicado junto aos alunos, aproveitando para incentivar a produção literária, promovendo a escrita com um olhar filosófico e crítico, podendo abordar não somente sobre o racismo, mas diversos assuntos relevantes e atuais.

4.1 – As novelas filosóficas

Na década de 60, o filósofo norte-americano Matthew Lipman elaborou o programa de ensino “Filosofia para crianças”, pois estava preocupado com o raciocínio dos alunos. Esse programa tem como base a filosofia, a educação e a criança, e vem sendo cada vez mais discutidos nos meios acadêmicos e escolares em todo Brasil, pois ele permite o pensamento crítico do aluno e faz com que o processo de aprendizagem aconteça de forma agradável e divertida, mediante a investigação e discussão de temas filosóficos.

Destacamos aqui que o pensamento de Lipman perpassa por vários autores e, por isso, nos dá liberdade para trabalhar com pensadores diversos, como Sartre, por exemplo. Essa flexibilização de Lipman é uma porta aberta para o trabalho filosófico mais amplo. Dessa forma, vimos aqui um elo onde poderíamos abordar o existencialismo de Sartre, com a possibilidade de analisar a existência humana através das novelas filosóficas de Lipman, isso tudo sendo unido pela liberdade literária do aluno e do professor, na qual ambos podem trabalhar juntos ou separados.

De acordo com SOUZA[51], no final de 1960, Lipman escreveu um primeiro experimento no qual tratava problemas filosóficos em forma de histórias para crianças, pois ele acreditava que a filosofia poderia ser acessível a elas, uma vez que suas perguntas suscitariam o interesse e seriam um ponto de partida para o trabalho do professor. Lipman criou uma Comunidade de Investigação, que seria a junção entre os pensamentos dos alunos, professores e outras pessoas envolvidas no processo investigativo, dentro ou fora de sala de aula.

> Nesta perspectiva, a sala de aula tradicional deve se transformar numa

[51] SOUZA, Tania Silva. O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. Disponível em www.marilia.unespág.br/filogenese. Vol. 6, nº 2, 2013. Acesso em 29 de set 2019.

> Comunidade de Investigação com a participação ativa de crianças e professores no diálogo sobre os problemas em questão, ou seja, conceitos de fundo de nossa existência, aqueles que são centrais, comuns e controversos. O diálogo filosófico é a pedagogia do pensar bem, ou seja, um pensar crítico, criativo, ético e político. É nessa prática de filosofia que as crianças formam as atitudes democráticas, tornando-se cidadãos críticos, reflexivos e participantes do processo deliberativo. (SOUZA, 2013, pág, 2).

Para Lipman, o pensar é a base da filosofia e investigar é fundamental para o aprimoramento do nosso conhecimento. Quando se propõe debater temas de forma criteriosa com crianças e adolescentes, estamos norteando o caminho para o pensamento crítico e abrindo caminho para novas formas de pensar e aí estamos fazendo uma ligação com o existencialismo sartreano, que humaniza o homem e o coloca como o único responsável por suas ações e formação de sua essência, formando valores dentro de cada um, que faz parte da essência humana.

> ... o objetivo não é desnortear os estudantes levando-os ao relativismo, mas encorajá-los a empregar as ferramentas e métodos de investigação para que possam, completamente, avaliar evidências, detectar incoerências e incompatibilidades, tirar conclusões válidas, construir hipóteses e empregar critérios até que percebam as possibilidades de objetividade com relação a valores e fatos.(LIPMAN, 1991, pág. 22).

Porém, quando se fala em Filosofia, percebemos certa resistência devido ao tipo de linguagem que é aplicada: densa, rebuscada e de difícil acesso à uma grande parte significativa dos estudantes. Isso faz com que haja uma barreira para a difusão da disciplina entre crianças e jovens. Pensando nisso, Lipman criou as Novelas Filosóficas como um recurso didático, trazendo a filosofia para perto da realidade dos alunos, pois no momento em que se faz uma ligação entre os fatos, o aprendizado ocorre mais facilmente.

As Novelas Filosóficas são romances que têm por objetivo a investigação filosófica e o pensamento crítico sobre as questões sociais, no qual seus temas e problemas são apresentados através das histórias vividas pelas personagens e foram criadas para serem usadas pelos alunos com a mediação do professor em sala de aula. Sendo assim, são apresentadas diversas histórias, de acordo com a série do aluno, levando em consideração que a Filosofia perpassa por várias disciplinas e pode ser aplicada em parceria com outros projetos. E aqui, quando falamos em histórias, mais uma vez podemos fazer uma conexão com Sartre, pois este escreveu muitos romances e peças teatrais. A existência, assim como outros temas clássicos da Filosofia, poderá virar uma história, que será tema de análise e debates propostos nas novelas filosóficas. Os conteúdos dos romances poderão ser os mais variados possíveis e, com isso, gerarão diversas possibilidades de debates. Essa discussão será uma forma de promover o senso crítico, aumentando o conhecimento e contribuindo para a formação da essência do aluno.

> O conteúdo dos romances abrange temas das áreas clássicas da Filosofia, como Lógica, Ética, Estética e Metafísica, os quais se encontram espalhados aleatoriamente pelas histórias, em vez de serem apresentados de forma sistemática, como nos livros didáticos convencionais. O objetivo é permitir que as crianças selecionem os assuntos que desejam discutir, com base em seus próprios interesses. No limite, qualquer assunto pode ser objeto de discussão em sala de aula, desde que atenda aos interesses dos alunos. Isso é possível porque, uma vez que o programa pretende substituir o paradigma tradicional da educação, como transmissão de conhecimentos pela "educação para o pensar", os conteúdos passam para segundo plano, adquirindo primazia os procedimentos metodológicos, ou seja, o que importa é como as crianças pensam e não tanto sobre o que elas pensam.[52]

O programa é composto por um material didático específico: um livro de leitura (romances ou novelas filosóficas), que são destinados aos alunos e um manual que auxiliem os professores na aplicação do projeto em sala de aula.

De acordo com Souza, "São obras, com situações e personagens fictícios, escritas de maneira simples onde são contempladas discussões em torno de vários temas e termos filosóficos tais como: verdade, justo, bom, belo" (SOUZA, 2013, pág. 3). Essas histórias têm como objetivo captar a atenção e promover o debate sobre temas filosóficos propostos nas novelas em questão.

> É basicamente através das habilidades de investigação que as crianças aprendem a associar suas atuais experiências com aquilo que já aconteceu em suas vidas e com aquilo que esperam que aconteça. Elas aprendem a explicar e a prever, e a identificar causas e efeitos, meios e fins, e meios e consequências, como também a distinguir estas coisas a desenvolver as inúmeras capacidades que formam a prática que se associa ao processo de investigação. (LIPMAN, 1991, pág.66)

Segundo Lipman, é a curiosidade de resolver os enigmas apresentados nas histórias e nas situações problemas, que estimulam a busca pelo conhecimento, tanto na escola quanto na vida pessoal, sendo o julgamento um dos resultados do conhecimento, pois Lipman considera necessário para a resolução do problema: "o julgamento é a formação de opiniões avaliações ou conclusões. Isto inclui, portanto, coisas como solução de problemas tomada de decisões e aprendizagem de novos conceitos, porém é mais inclusiva e mais genérica".[53]

No momento em que há um julgamento, há a possibilidade de uma correção ou autocorreção. Nesse ponto, o indivíduo consegue enxergar onde e de quais formas ele precisa agir para mudar e aí está o ponto chave da questão desta pesquisa em si. Como a nossa proposta é fazer com que os alunos reflitam sobre o racismo, no momento em que se

---

[52] SILVEIRA, Renê José Trentin. Programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman: uma concepção liberal da educação. Disponível em http://www.construirnoticias.com.br/programa-de-filosofia-para-criancas-de-matthew-lipman-uma-concepcao-liberal-da-educacao/. Acesso em 27 de ago. 2019.

[53] Idem. Souza pág. 5

estabelece uma comunidade de investigação e que se chegue a um julgamento, teremos uma possível quebra de paradigmas e, possivelmente, uma mudança de atitude. O olhar crítico ou autocrítico, para o tema proposto, será fundamental para que a filosofia seja colocada em prática, pois uma das características centrais da disciplina é a desconstrução das ditas certezas e, uma vez que conseguimos fazer com que esses alunos percebam onde estão errando, eles tenderão a não cometer mais os mesmos erros. Se o combate ao racismo é a nossa meta, olhar para ele e buscar onde estamos errando, será o nosso “dever de casa” para colocarmos em prática aquilo que nós estamos propondo na tentativa de diminuir as diferenças entre negros e não negros no Brasil.

Os romances das novelas filosóficas são escritos de acordo com o público alvo, levando em consideração temas de interesse público e que reforcem a formação de valores dos alunos. Nas tramas, geralmente crianças ou adolescentes, são envoltos num determinado problema, no qual eles precisarão de auxílio para resolver as coisas. Esses problemas levantados pelo autor, visam colocar o leitor para pensar em formas alternativas em que o desfecho da história seja o melhor possível, não que necessariamente tenha um final feliz, mas que seja o melhor entre as opções que se pode escolher, pois é assim que acontece na vida real. Temos que levar em conta que não podemos criar somente histórias boas e com finais felizes, pois o amadurecimento e crescimento pessoal dos seres humanos está na superação dos desafios apresentados durante a vida.

4.2 – Como montar uma novela filosófica?

Agora que já sabemos o que são as novelas filosóficas, vamos aprender como colocar a ideia em prática. As novelas filosóficas nada mais são do que histórias literárias voltadas para um determinado público-alvo, que irão abordar temas de interesse social, político, ético, cultural, dentre outros.

Nos romances, em geral, são abordados temas diversos, mas o autor não tem um objetivo específico de promover o pensamento crítico e o debate em sala de aula; o que não proíbe que alguém o faça, mas essa não foi a meta do autor. No caso das novelas filosóficas, o autor irá escrever as histórias com o intuito de promover o debate, o pensamento crítico, o julgamento, a reflexão, ou seja, filosofar. Como sabemos, filosofar é dar asas aos nossos conhecimentos, é estarmos sempre abertos ao novo, revendo os nossos velhos conceitos.

Quando escrevemos uma história com um tema central, temos uma meta, mas isso não significa que ficaremos restritos nele, pois o campo do conhecimento é amplo e pode nos dar muitas possibilidades de interpretações e análises. Cada pessoa pensa e entende de uma

forma. Uma mesma coisa pode ser vista e interpretada de formas diferentes por diversas pessoas.

Sartre destacou que a literatura nos dá esse diferencial sobre as outras artes, pois ela permite uma riqueza de detalhes, que possibilita atingirmos mais profundamente o emocional do leitor, muito mais do que uma pintura ou escultura, pois exige um nível de subjetividade que nem todos vão compreender da mesma maneira. O que está escrito está descrito.

> Mas um canto de dor é ao mesmo tempo a própria dor e uma outra coisa que não a dor. Ou, se se quiser adotar o vocabulário existencialista, é uma dor que não existe mais, é uma dor que é. Mas, dirá você, e se o pintor fizer casas? Pois bem, precisamente, ele as faz, isto é, cria uma casa imaginária sobre a tela, e não um signo de casa. E a casa assim manifesta conserva toda a ambiguidade das casas reais. O escritor pode dirigir o leitor e, se descreve *um* casebre, mostrar nele o símbolo das injustiças sociais, provocar nossa indignação. Já o pintor é mudo: ele nos apresenta um casebre, só isso; você pode ver nele o que quiser. Essa choupana nunca será o símbolo da miséria; para isso seria preciso que ela fosse signo, mas ela é coisa. O mau pintor procura o tipo, pinta o Árabe, a Criança, a Mulher; o bom pintor sabe que o Árabe e o Proletário não existem, nem na realidade, nem na sua tela; ele propõe um operário determinado operário. E o que pensar de *um* operário? Uma infinidade de coisas contraditórias. Todos os pensamentos, todos os sentimentos estão ali, aglutinados sobre a tela, em indiferenciação profunda; cabe a você escolher. Artistas bem intencionados já tentaram comover; pintaram longas filas de operários aguardando na neve uma oferta de trabalho, os rostos esquálidos dos desempregados, os campos de batalha. Não comoveram mais que Greuze com seu *Filho pródigo*. E O *massacre de Guernica*, essa obra-prima, alguém acredita que ela tenha conquistado um só coração à causa espanhola? Contudo, alguma coisa foi dita que não se poderá jamais ouvir e que exigiria uma infinidade de palavras para expressar. Os esguios Arlequins de Picasso, ambíguos e eternos, possuídos por um sentido indecifrável, inseparável da sua magreza arqueada e dos losangos desbotados de seus trajes, são uma emoção que se fez carne e que a carne absorveu como o mata-borrão absorve a tinta, uma emoção irreconhecível, perdida, estranha para si mesma, esquartejada e espalhada pelos quatro cantos do espaço e, no entanto, presente. Não duvido de que a caridade ou a cólera possam produzir outros objetos, mas neles elas ficarão atoladas da mesma forma; perderão o seu significado, restarão apenas coisas habitadas por uma alma obscura. Não se pintam significados, não se transformam significados em música; sendo assim, quem ousaria exigir do pintor ou do músico que se engajem? (SARTRE, 2004, pág. 12).

Dessa forma, a literatura foi a escolha de Sartre e também a nossa para trabalhar temas filosóficos com os alunos em salas de aula, pois além de incentivar a leitura, que é tão importante para ganhar vocabulário e ter bons resultados nas redações, podemos promover o debate e o pensamento crítico.

O autor deve ter em mente o tema da sua história e para qual faixa etária ou série ele irá escrever. Tendo isso determinado, é hora de começar! Não se preocupe com aquela primeira história estranha que possa surgir; simplesmente escreva. Segundo Sartre, o escritor é aquele que vai mostrando o caminho enquanto escreve a história, mas caminhos esses que, às vezes, nem ele sabe ainda onde vai chegar: “O escritor é um falador; designa, demonstra,

ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua" (SARTRE, 2004, pág. 18). A escrita de um livro acontece muito semelhante com a vida, com a doutrina existencialista, pois a cada ação uma página é escrita.

Num segundo momento, será necessário uma releitura para reorganizar as ideias daquele esboço. Agora já conseguimos organizar os personagens, cenários, tempo em que a história acontece, questões a serem resolvidas, dilemas, etc.

> A arte da prosa se exerce sobre o discurso, sua matéria é naturalmente significante: vale dizer, as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam ou desagradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa do mundo ou determinada noção. Assim, acontece com frequência que nos encontremos de posse de determinada ideia que nos foi comunicada por palavras, sem que nós possamos lembrar de uma só das palavras que a transmitiram. A prosa é antes de mais nada uma atitude do espírito; há prosa quando, para falar como Valéry, nosso olhar atravessa a palavra como o sol ao vidro. Quando se está em perigo ou dificuldade, empunha-se um instrumento qualquer. Passada a dificuldade, nem nos lembramos mais se foi um martelo ou um pedaço de lenha. Aliás, nem chegamos à sabê-lo: faltava apenas um prolongamento do nosso corpo, um meio de estender a mão até o galho mais alto; era um sexto dedo, uma terceira perna- em suma, uma pura função que assimilamos. Assim a linguagem: ela é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Estamos na linguagem como em nosso corpo; nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos as nossas mãos e os nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios. Existe a palavra vivida e a palavra encontrada. Mas nos dois casos isso se dá no curso de uma atividade, seja de mim sobre os outros, seja do outro sobre mim. A fala é um dado momento particular da ação e não se compreende fora dela. Sabemos que certos afásicos perdem a possibilidade de agir, de entender as situações, de manter relações normais com o sexo oposto. No seio dessa apraxia, a destruição da linguagem parece apenas o desmoronamento de uma das estruturas: a mais fina e mais aparente. E se a prosa não é senão o instrumento privilegiado de certa atividade, se só ao poeta cabe contemplar as palavras de maneira desinteressada, temos o direito de perguntar ao prosador antes de mais nada: com que finalidade você escreve? Em que empreendimento você se lançou e por que necessita ele do recurso à escrita? E em caso algum esse empreendimento poderia ter como finalidade a pura contemplação. Pois a intuição é silêncio e a finalidade da linguagem é comunicar. O prosador pode, sem dúvida, fixar os resultados da intuição, mas nesse caso bastarão algumas palavras atiradas às pressas no papel: o autor sempre se reconhecerá nelas. Se as palavras se articulam em frases, com uma preocupação pela clareza, é preciso que intervenha uma decisão estranha à intuição, à própria linguagem: a decisão de comunicar aos outros os resultados obtidos. Em cada caso, é essa a decisão que cabe questionar. E o bom senso, que os nossos doutos tão facilmente esquecem, não se cansa de repeti-lo. Pois não é costume colocar para todos os jovens que se propõem a escrever esta questão de princípio: "Você tem alguma coisa a dizer?" Por aí deve-se entender: alguma coisa que valha a pena ser comunicada. Mas como compreender o que "vale a pena", senão recorrendo a um sistema de valores transcendente? (SARTRE, 2004, pág. 18).

Temos algo a dizer? Pra quem? O que vamos escrever é relevante?

Então estamos no caminho certo! Já temos respostas. Tendo em foco o tema central, cada capítulo deverá abordar algum dilema ou algo que possa ser debatido ou pensado junto com os alunos.

> Falar é agir; uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está *sendo visto*; seu gesto fugitivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos, integra-se no espírito objetivo, assume dimensões novas, é recuperado. Depois disso, como se pode querer, que ele continue agindo da mesma maneira? Ou irá perseverar na sua conduta por obstinação, e com conhecimento de causa, ou irá abandoná-la. Assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, *para* mudá-la; atinjo-a em pleno coração, transpasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que ultrapasso na direção do porvir (SARTRE, 2004, pág. 20).

O ideal é que a novela seja lida aos poucos e em cada aula um capítulo seja abordado e um tema discutido e, ao final do livro, a turma possa apresentar um trabalho em vídeo, música, peça de teatro, entre outros. O importante é usar a criatividade dos alunos e aproveitar ao máximo o interesse e estimular o engajamento.

4.3 – COLOCANDO EM PRÁTICA

Nesse ponto do trabalho, como o nome mesmo já diz, explicaremos como colocar em prática a novela filosófica junto aos alunos em sala de aula. Contribuiremos como os professores poderão trabalhar o conteúdo e daremos dicas de abordagens para o tema principal: o racismo. Esse é um tema muito em voga e deve ser debatido amplamente junto aos alunos, promovendo um pensamento crítico, fazendo com que haja uma reflexão sobre nossas atitudes e condutas na sociedade.

Após escrever a novela filosófica, sugerimos algumas reflexões para serem trabalhadas em sala de aula com os alunos, mas lembrando que as perguntas surgirão de acordo com a novela filosófica e o tema abordado pelo professor em seu material didático. Como o nosso caso estamos abordando o racismo através das ideias de existencialismo e liberdade de Sartre, as nossas reflexões seguirão esses temas:

Capítulo 1 – Meu nascimento

- Como você nasceu?
- Onde você nasceu?
- Como é a sua família?
- Quantas pessoas moram com você?
- Em qual contexto social você vive?
- Como é a relação com a sua família e parentes mais próximos?
- Negros: faz diferença ter nascido negro?
- Negros: você se sente ou já se sentiu diferente por ser negro (quando era criança)?

Capítulo 2 – A escola

- Com quantos anos você entrou na escola?
- Em que tipo de escola você estudou?
- Como era a sua relação com os colegas?
- Como era a sua relação com os professores?
- Você teve professores negros? Quantos?
- Bullying: você sofreu ou sofre bullying? Quais as consequências?
- Bullying: você pratica ou praticou bullying? Quais as consequências?
- Desigualdades: você acha que a escola aumenta as desigualdades?
- Você acha que a escola é um ambiente de inclusão ou exclusão?

Capítulo 3 – O preconceito racial

- O que é o preconceito racial?
- Existe raça?
- O que é racismo?
- Qual é a sua raça?
- Como é formada a população brasileira?
- Como o Brasil foi descoberto e colonizado?
- Quais os impactos da colonização para os africanos?
- O que é ser negro no Brasil?
- Existe uma identidade negra?
- Existe um movimento negro que represente todos os negros no Brasil?
- Qual a importância dos movimentos negros?

- O que é o lugar de fala?

Capítulo 4 – A adolescência

- A partir de quantos anos a pessoa é um adolescente?
- O que muda no corpo do jovem?
- O que muda na mente?
- É difícil ser adolescente?
- Qual a importância do que os outros pensam sobre você?
- Qual o impacto das redes sociais na vida dos adolescentes?
- A relação com os pais e familiares melhora ou piora na adolescência? Por que?

Capítulo 5 – A Filosofia

- O que você entende por Filosofia?
- Pra que serve a Filosofia?
- Ela só se aplica na escola?
- Qual a importância do pensamento crítico?
- Você conhece algum filósofo? Qual?
- Como surgiu a filosofia?
- As ideias dos antigos filósofos ainda são válidas para os dias atuais? Por que?
- Oque são os mitos?
- O que são mais importantes: as perguntas ou as respostas? Por que?

Capítulo 6 – O filósofo francês

- Quem foi Jean-Paul Sartre?
- Em qual século ele viveu e qual o impacto do seu pensamento em nossas vidas?
- Em qual contexto histórico ele estava inserido?
- O que você sabe sobre a Segunda Guerra Mundial?
- Quais os impactos do nazismo sobre a humanidade?
- Você conhece alguma obra de Sartre? Qual? Gostou?
- Qual a importância da família na escolha profissional do estudante?
- Você acha que eles podem influenciar positiva ou negativamente o aluno? Por que?

Capítulo 7 – O Existencialismo

- O que você entende por existencialismo?
- O que é angústia?
- O que é má-fé? Só existe um sentido para este termo?
- Qual é a base do existencialismo ateu?
- Você costuma se responsabilizar pelos seus atos ou busca um culpado como forma de não trazer para si a obrigação do ato praticado?
- Qual o perigo de mascarar os sentimentos?
- Qual é a relação entre as redes sociais e a má-fé?
- Tomar atitudes te causa angústia?
- Se hoje fosse seu último dia de vida, que análise você faria do seu “livro da vida”?

Capítulo 8 – A Liberdade

- O que é ser livre?
- Você se considera um ser livre?
- O que é o livre-arbítrio?
- O ser humano não pode escolher quando vai nascer, nem quando vai morrer. Mesmo assim somos livres?
- Você nasceu numa determinada família, na qual você não pôde escolher. Se você pudesse escolher, nasceria no mesmo núcleo familiar? Por que?
- Quanto às suas características físicas: você não escolheu a cor da sua pele, o tipo de cabelo, etc. Se pudesse escolher, você seria da mesma forma ou mudaria algo e por que?
- Os negros conseguiram a liberdade após a abolição da escravatura?
- Quais são os entraves que ainda estão presentes na vida das pessoas de pele negra?
- As pessoas negras têm as mesmas igualdades de oportunidades do que as pessoas de pele clara?
- Existe um cerceamento na liberdade da pessoa negra por causa da sua cor?
- O que podemos fazer para mudar isso na sociedade em que vivemos?
- A liberdade que Sartre fala é a mesma liberdade que usamos para falar sobre quando nos referimos aos escravo que foram libertos? Por que?
- O que você entende de liberdade como condição humana?
- Qual é a relação entre existencialismo e liberdade?

Capítulo 9 – O projeto final

Aqui o professor poderá dividir a turma em grupos e propor o projeto final. Esse projeto poderá ser a apresentação de trabalhos abordando os temas debatidos acima, mas feitos de uma forma mais criativa como, por exemplo: seminários, vídeos, jogos, aplicativos como Kahoot!,[54] entre outros, que vão variar de acordo com as habilidades dos alunos.

Deixo aqui algumas sugestões de temas para os projetos finais, de acordo com o material didático:

Sugestão 1:

"Compreendi que nasci numa família pobre, numa favela ou, se preferir, numa comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro, mais conhecida como Cidade de Deus (CDD). Nesse local, moram muitas pessoas boas e trabalhadoras, mas também muitos bandidos e traficantes. Não escolhi o meu local de nascimento, minha família, minhas condições sociais, financeiras, não escolhi o dia do meu nascimento, minhas características físicas, nem a cor da minha pele; só nasci. Existir no mundo não foi uma escolha, mas uma imposição". (GOUVÊA, 2019, pág. 20)

De acordo com o trecho abaixo, retirado do livro ***Águias não voam com pardais***, faça um trabalho em grupo para demonstrar essa situação descrita acima e como as pessoas aprendem a lidar com as dificuldades enfrentadas no dia a dia dentro da sua realidade, principalmente as pessoas negras.

Sugestão 2:

"E agora? Tenho uma vida, ou melhor, segundo Sartre, uma existência. E o que eu farei com ela só cabe a mim: minhas escolhas, minhas responsabilidades, pois não há um Deus para culpar. Tenho sim uma folha em branco e muitas linhas para escrever e decisões para tomar ou não. Angústias? Tenho muitas e as terei até o fim dos meus dias na Terra (...)". (GOUVÊA, 2019, pág. 20)

[54] Kahoot! É plataforma de criação de questionário, pesquisa e quizzes que foi criado em 2013, baseado em jogos com perguntas de múltipla escolha, que permite aos educadores e estudantes investigar, criar, colaborar e compartilhar conhecimentos e funciona em qualquer dispositivo tecnológico conectado à Internet. Kahoot! é uma ferramenta de avaliação gratuita na Web, que permite o uso de quizzes na sala de aula, e ajuda a ativar e envolver os alunos em discussões. Disponível em http://www.giseldacosta.com/wordpress/kahoot-um-gameshow-em-sala-de-aula/. Acesso em 09 de nov. 2019.

De acordo com o trecho abaixo, retirado do livro ***Águias não voam com pardais***, faça um trabalho em grupo que correlacione e analise os seguintes assuntos: a responsabilidade das ações, a importância das escolhas, medos e angústias e a má-fé.

Sugestão 3:

“O racismo está ligado à cor da sua pele ou ao que você pensa ou sente? O racismo está no que te afeta ou no que você se permite ser afetado por ele. O racismo é uma construção social e, se ele foi constituído por seres humanos, pode e deve ser desconstruído também. Sei que não é uma tarefa fácil e não será da noite para o dia, mas temos que começar, juntos ou separados, não permitindo que nos atinjam, nos diminuam, nos enfraqueçam. Se olham pra mim e me chamam de preto imundo, sei que àquilo não é pra mim e não aceito e não recebo, não me abro”. (GOUVÊA, 2019, pág. 20)

De acordo com o trecho abaixo, retirado do livro ***Águias não voam com pardais***, faça um trabalho em grupo que aborde o racismo e como ele afeta as pessoas negras.

Sugestão 4:

“Não é fácil combater o racismo, mas temos que seguir lutando. Sartre era branco e judeu. Ele lutou contra o racismo antissemita e antinegro, mas como não era negro, não compreendia bem a causa negra, mas tinha uma boa intenção em combater o preconceito e eu vejo isso com bons olhos, pois mesmo “errando” ele estava buscando um caminho, melhor do que muitos que nada fazem”. (GOUVÊA, 2019, pág. 20)

De acordo com o trecho abaixo, retirado do livro ***Águias não voam com pardais***, faça um trabalho em grupo abordando práticas de combate ao racismo através do olhar de alunos que não são negros.

Sugestão 5:

“Me vejo então: negro, pobre, vivo e tendo que fazer escolhas dentro de uma realidade que me foi imposta. Estou condenado a viver, pois não posso e não devo me matar: o dia da minha morte eu também não sei. Então, o que me cabe é viver, estou condenado à existência, que é liberdade. Sigo vivendo dentro das condições que me foram dispostas, mas cabe a mim aceita-las ou modifica-las, pois o existencialismo é ação, é mudança é otimismo, é engajamento”. (GOUVÊA, 2019, pág. 21)

De acordo com o trecho abaixo, retirado do livro ***Águias não voam com pardais***, faça um trabalho em grupo abordando o tema: o que você faz com o que fizeram com você?

Sugestão 6:

Uma outra alternativa seria que os alunos escrevessem suas próprias novelas filosóficas, na qual eles fossem os responsáveis pelo destino de seus personagens, podendo trabalhar com todas as ideias abordadas durante às aulas, fechando assim o ciclo e o tema além promover a produção literária de forma que agregue valor na formação sociocultural dos estudantes, promovendo o pensamento crítico e refletindo práticas filosóficas antirracistas, que foi a nossa proposta no início desse trabalho.

4.4 – Conclusão

A proposta dessa material didático foi, além de trabalhar a produção literária, que era uma das maiores paixões de Sartre, promover o debate em sala de aula e aguçar o senso crítico dos alunos para que eles busquem dentro de si formas alternativas para repensar e combater questões relevantes, como o racismo, que são impostas socialmente e que causam muitos problemas para as pessoas.

A escolha de Sartre, como filósofo que fundamentou a nossa teoria não foi fácil, assim como a escolha das Novelas Filosóficas, pois estas ainda não são conhecidas por uma grande parte dos professores e alunos. Quando falamos em novelas, as pessoas logo imaginam as novelas na televisão, mas o que apresentamos aqui é algo totalmente diferente. As novelas que nós conhecíamos, até então, não nos davam oportunidade de dialogar com ela; sendo uma via de mão única, na qual a comunicação era somente da autora para o telespectador. Já a novela filosófica, nos dá a oportunidade de diálogo, reflexão, senso crítico e autoconhecimento. Ela deixa a porta aberta e a via é de mão dupla: o autor escreve, mas deixa informações para que o leitor pense, questione, analise, repense, desconstrua, recomece, vá além. A Filosofia é isso, ou melhor, a Filosofia não é, ela está sendo a todo momento em que questionamos e buscamos as perguntas. A Filosofia é pergunta e não resposta, ela é a porta que se abre a cada um que bate, a cada novo questionamento a Filosofia se renova, ela jamais ficará velha, pois o conhecimento é necessário para o homem do seu tempo e de todos os tempos que virão.

Olhar para nós e para os outros é um exercício fundamental para começarmos um processo de autoconhecimento, análise e assim compreender a sociedade e o mundo no qual

estamos inseridos. Aqui pudemos exercitar a empatia e a alteridade ao abordarmos o racismo, pois se colocar no lugar do outro é muito difícil, principalmente quando esse outro é negro e sofre com os males do preconceito racial.

Fazer com que os alunos leiam, debatam, critiquem, façam análises, se autoconheçam, olhem para o colega ao lado, entendam que o mundo não roda ao redor da sua vida, que a vida do outro importa, que se unirmos forças seremos melhores e que a vida já está tão difícil, então por que não tentarmos fazer melhor a nossa parte?

Existir no mundo é viver nele e, para que tenhamos uma vida melhor, é necessário analisar, criticar, repensar, rever, mudar de posicionamentos para nos adaptarmos melhor ao que buscamos para a nossa existência humana.

Considerações Finais

Começamos essa dissertação abordando sobre o existencialismo, que é uma doutrina em que Sartre acreditava que o homem primeiro existia no mundo para depois ter uma essência, logo, ele nascia como uma folha em branco, sem nada escrito. Suas ações e escolhas serias essas palavras que seriam sendo escritas nessas folhas.

Vimos também que a liberdade, para Sartre, era uma condição para a existência humana, sendo assim, toda pessoa nasce livre. Falando assim parece bom, mas nós não temos escolha: somos condenados a nascer, viver e morrer. Não sabemos nada sobre a nossa vida. Nascemos em local e família desconhecidos, não sabemos o dia que nascemos nem o dia em que iremos morrer. Ninguém nos perguntou se queríamos estar aqui ou não. Essa é a nossa condenação, segundo Sartre. A liberdade não é uma escolha, mas uma condição imposta para estarmos vivos, assim como a existência. Só existimos porque estamos vivos. Quando morremos, deixamos de existir. Existência e liberdade estão interligadas.

No capítulo 2, fizemos uma correlação do racismo com as ideias de existencialismo e liberdade, segundo Sartre. No momento em que não escolhemos a nossa família, também não escolhemos nossa descendência, nossa cor de pele, nossas características físicas em geral, nem as condições socioeconômicas e culturais. Também não escolhemos o local nem o tempo em que iremos nascer, simplesmente, nascemos e temos que nos “virar” com as condições que nos foram impostas.

Então vem a famosa frase de Sartre: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”. E aí falamos de existencialismo, pois a doutrina existencialista é humanista e movida pela ação. Sua base é o otimismo e se fundamenta naquilo que se pode fazer para modificar algo, pois somos os únicos responsáveis por tudo o que acontece em nossa vida e determinamos isso através das nossas escolhas. Porém os negros nascem “marcados” e suas escolhas não são tão fáceis como as escolhas daqueles que são brancos. Aqui podemos destacar o fato do negro poder ou não se deixar afetar pelo racismo, mas será que isso é possível?

Infelizmente, a colonização deixou suas raízes profundas e difíceis de serem arrancadas. Ser negro no Brasil é ser descendente de escravo e isso ficou grudado como um rótulo nas pessoas negras. Mesmo passado mais de um século da abolição dos escravos, e comprovado pela ciência que não existe raças humanas, mas etnias, o racismo ainda é uma triste realidade.

No capítulo 3, analisamos a literatura, a filosofia e o racismo, de acordo com Sartre. A

literatura foi a grande paixão de Jean-Paul Sartre desde a infância. Entender essa relação dele com a escrita foi a base para a fundamentação do nosso material didático, que é uma novela filosófica. Assim como a literatura, analisamos a relação de Sartre com a filosofia, pois ele foi um filósofo importante do século XX e suas ideias de existencialismo e liberdade foram a base para toda essa pesquisa de mestrado. Compreender como ele entendia a filosofia ou as filosofias, como ele mesmo acreditava, foi fundamental para construir o nosso entendimento e assim ter mais ferramentas para trabalhar suas ideias em sala de aula.

No final do capítulo 3, fazemos uma relação de Sartre com o racismo. Ele era judeu e sofreu preconceito por isso, porém não era negro e nunca soube o que era o racismo antinegro. Sartre bem que tentou, mas assim como eu, é difícil abordar um tema no qual não temos vivência. Saber sobre o racismo, não é a mesma coisa que sofrer com ele, ser discriminado, inferiorizado, rejeitado, menosprezado. Nunca sofri com o racismo e isso foi um fator que dificultou muito o meu entendimento. Acredito aqui, que o “lugar de fala” que tanto falam, faz sentido...

O último capítulo ficou reservado para falar sobre o material didático: a novela filosófica. Nele começamos explicando o que é a novela, como surgiu, como ela se aplica e quais as formas de utilização, fazendo uma correlação com Lipman, criador das novelas filosóficas, e o existencialismo de Sartre. Na sequência explicamos como escrever uma novela filosófica e damos dicas de como trabalhar com o material em sala de aula, aplicando técnicas que poderão ajudar o professor a conseguir um melhor aproveitamento do material didático.

Para este projeto de mestrado, criamos a novela filosófica ***Águias não voam com pardais***, escrita para trabalhar o tema do racismo, de acordo com as ideias de existencialismo e liberdade em Sartre, porém o autor será livre para escrever sua novela e trabalhar qualquer tema de acordo com sua necessidade.

Não tivemos tempo de trabalhar o livro *Águias não voam com pardais,* em sala de aulas, contudo, deixamos sugestões de perguntas para serem debatidas pelos professores com os alunos. Esse material pode ser aplicado com todas as turmas do Ensino Médio, assim como em turmas do Fundamental II nas escolas que têm a disciplina de Filosofia ou outras que trabalhem habilidades socioemocionais, por exemplo. As perguntas foram separadas por capítulos e por temática, dessa forma, o professor pode escolher trabalhar com toda a turma ou dividir a turma em grupos de debates.

Ao final, assim como na novela filosófica, propomos um projeto final e damos 5 (cinco) sugestões de projetos para serem trabalhados pela turma usando trechos do livro (novela filosófica) ou o professor pode sugerir também que os alunos escrevam suas próprias novelas filosóficas, o que vai promover a produção literária e a criatividade de nossos estudantes.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANTES, Marco Antônio. Sartre e o humanismo racista europeu: uma leitura sartriana de Frantz Fanon. Sociologias, v. 13, n. 27, p. 382-409, 2011.

BOEIRA, Nelson. **Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BOZIO, Leonard R. **Sartre: O homem como criador do seu próprio mundo**. 1ª ed. Amazon: Ebook Kindle: 2016. Não paginado. ISBN-13: 978-151060968

BUENO, Isaque José. **Liberdade e ética em Jean-Paul Sartre**. 2007.

FANON, Frantz.

_____. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Serafim Ferreira. - Lisboa: Editora Ulisseia, 1965

_____. **Pele negra mascaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**, 2a ed., trad. Maria Elice de B. Prestes. e Lúcia Maria S. Kremer, São Paulo: Summus, 1991.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MULLER, Tânia Mara; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: Estudos sobre a identidade branca no Brasil.** 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2017.

NOGUERA, Renato. **O ensino da filosofia e a lei 10.639/03.** 1ª ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

PENHA, João da. **O que é o existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PENSADORES, OS. **Platão**. São Paulo: Editora Nova Cultural, Coleção Os pensadores, 1999.

PENSADORES, OS. **Sartre**. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1984.

SARTRE, Jean-Paul.

_____. **A Náusea**. Tradução Rita Braga. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **As palavras.** 3ª ed. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. **Entre quatro paredes**. Arquivo digital, 2006.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica.** 24ª ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 2015.

_____. **O que é a literatura?** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 2004. (Tradução de Carlos Felipe Moisés).

_____. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

VÁRIOS COLABORADORES. **O Livro da Filosofia.** Tradução Douglas Kim. – São Paulo: Globo, 2011.

Anexo

O Livro da Vida

Quando nascemos, é como se ganhássemos um grande livro em branco, pronto para começarmos a escrever. Cada página será um dia vivido, cada ação uma palavra, uma frase.

Assim como num livro, novela ou peça de teatro, na vida real também existem os personagens: os protagonistas, os coadjuvantes e os figurantes.

Os figurantes são aqueles que passam despercebidos, que mal aparecem nas cenas, mas precisam estar lá por algum motivo ou somente para encher a tela (do cinema ou televisão), mas não falam ou não influenciam em nada. Estes podem ser desde o pipoqueiro até aquela moça bonita que você observa pela janela do trabalho, mas nunca trocou uma só palavra.

Os coadjuvantes são pessoas mais importantes. Eles podem ser seus pais, irmãos, familiares, colegas de trabalho, amigos, professores, entre outros. Têm uma participação mais ativa e interferem direta ou indiretamente em nossas vidas.

Agora, no livro da vida, o que realmente importa é o papel do protagonista. A quem ele pertence: a você. A cada um é dado um livro que é único e intransferível. Somente você poderá escrever nele, pois suas páginas serão preenchidas com suas ações e escolhas diárias. Assim como um escritor, que tem a liberdade para criar o futuro dos seus personagens, nós também temos a liberdade para escrevermos a história no nosso livro da vida. Cada página é um dia.

Como protagonistas, não sabemos quando e como essa história começa, mas temos que dar continuidade ao livro, dentro de um cenário que nos foi imposto pela existência, pois nascemos sem querer e vamos morrer sem saber quando; sendo condenados a viver nesse intervalo de tempo. Mesmo que nós, como protagonistas sejamos responsáveis por escrever nossas histórias, não temos o direito de escrever o nosso próprio final, pois a data da morte do protagonista não é sabida por nenhum autor.

O escritor, que é o protagonista do livro da vida, nasce sem saber falar, ler, escrever, numa família que ele não escolheu, em condições socioeconômicas alheias à sua vontade, com características físicas que podem lhe causar problemas de preconceito racial, mas mesmo diante de tudo isso, este protagonista se reinventa a cada dia e escreve a sua história até que seu livro se feche de repente e não dê tempo dele se quer terminar de escrever o último adeus...

Elaine Corrêa Gouvêa